

Порт/п
с 529

CHEWTCHÛK



O CAMINHO

VALERY CHEWTCHÚK

O CAMINHO

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1995

Tradução do Ucrainiano e prefácio: Wira Selanski
Revisão: Theresia de Oliveira

Série PYSSANKA:

1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)
2. Iván Dratch: ASAS (1993)
3. O Grupo de Nova York: COLMÉIA (1993)
4. Mykola Vorobiów: SIGNOS (1994)
5. Valery Chewtchúk: O CAMINHO (1995)

CAPA E COLAGENS: WW

© Valery Chewtchúk
Wira Selanski



VALERY CHEWTCHÚK (1969)

O COTIDIANO FANTÁSTICO DE VALERY CHEWTCHÚK

VALERY CHEWTCHÚK (1939) nasceu de uma família humilde em Jytomyr, na Volínia. Estudou História e Letras na Universidade de Kyiw (Kiev), trabalhando no Museu Histórico e ocupando-se, ao mesmo tempo, de Crítica Literária. É, atualmente, o mais expressivo escritor deste recanto da Ucrânia. Começou a se manifestar a partir da sexta década, a qual produziu um grupo de escritores e poetas responsáveis pela ideológica independência do país, concretizada em 1991.

Chewtchúk é sutil observador das variantes psicológicas, valendo-se freqüentemente de estilo que lembra colorido de guaches. Nas obras mais recentes, no entanto, vibra uma tonalidade mais saturada e forte. Nos seus romances e contos, recria o universo mítico antigo, conservado no folclore da sua terra. Seus livros lidam com heróis puros no meio de um povo trabalhador e singelo, fustigado pela desgraça histórica e pela avidez de forasteiros. O autor condena a ganância e o embrutecimento dos tácitos colaboradores do mal, mascarados de personagens de épocas remotas.

A presente seleção de narrativas começa por um pequeno conto, tirado do livro *A TARDE DO OUTONO SAGRADO*, onde o herói de meia-idade se defronta consigo mesmo ainda jovem. O final lembra um tanto *AMARCORD* de Fellini: a paisagem do passado se esvazia, e o herói fica sozinho com seus pensamentos, sentado ao lado do estádio, onde acabou um jogo.

Os três contos seguintes são do ciclo *A VOZ DA GRAMA*, anexo ao livro *A CASA NO MONTE*, e lidam com o destino.

O *CAMINHO* apresenta a história nas vésperas da Guerra dos Trinta Anos: um nobre rico fica apaixonado pelos astros que o levam a uma interpretação negativa da vida e ao

suicídio. Seu amigo astrônomo colhe as conseqüências nefastas de seus ensinamentos e anseia por fugir da vingança perversa da viúva. O caminho da fuga, no entanto, é circular, e o fugitivo volta, após uma longa e exaustiva caminhada, ao ponto da partida, onde o esperam súplica e morte. Também Domovyk, o espírito caseiro, não tem sorte com o caminho que o atrai e deve pagar por seus anseios, proibidos pelo clã, com a própria vida. O Caminho é o Destino implacável.

O conto NUVENS CINZENTAS fala do senhor Tvardowsky que, conforme um mito renascentista polonês, fez um pacto com o demônio. Sendo um grande pecador, era destinado ao inferno, mas por ter sido devoto a Nossa Senhora, após a morte ficou suspenso no ar entre o céu e a terra. Chewtchúk transforma o personagem num nobre empobrecido que mantém seu *status* pelas intrigas entre a nobreza ucraniana da Volínia, provocando os maiores desastres. No final, o intrigante é transformado numa nuvem de cinzas, contemplando de cima os incêndios provocados por sua culpa e que se tornam seu inferno.

O SAPATEIRO imita o estilo ingênuo e repetitivo de contos de fadas populares: um homem pobre lega sua alma e as almas de seus entes queridos ao demônio em troca de algum dinheiro para sobreviver. (Existe, neste conto, uma sutil conotação política). Quem o salva da condenação eterna é o santo milagroso, venerado na Ucrânia inteira: São Nicolau, e também a filha menor, que se torna medianeira entre ele e o santo e que possui o nome da medianeira de todas as graças: Maryka. No final, é um cervo branco que vem buscar a alma do sapateiro para o céu.

Algumas obras de Valery Chewtchúk: NO MEIO DA SEMANA (1967), A TARDE DO OUTONO SAGRADO (1969), RUA BEIRA-RIO, Nº 12 (1969), O VALE DAS FONTES (1981), A CASA NO MONTE (1989), O PEQUENO INTERMEZZO NOTURNO (1984), TRÊS FOLHAS ALÉM DA JANELA (1986), RESPLENDOR DA PEDRA (1987).

Valery Chewtchúk é um nome de quem muito ainda se pode esperar no futuro.

W.S.



O JOVEM

Atrelemos os cavalos,
cavalos negros,
cavalguemos ao alcance
dos anos jovens...

1

O jovem entrou no Café, encomendou o lanche e sentou-se à mesa. Em sua conduta não havia nada de estranho: com a barba feita no dia anterior, trajando um costume escuro e barato, ele ocupou a mesa como se fosse o proprietário dela. O cabelo caía-lhe na testa com uma madeixa loura, nitidamente repartido, e eu, inesperadamente para mim mesmo, fiquei perturbado. Parecia-me conhecido, e fitei mais insistentemente seu rosto bastante comum. Ele notou meu olhar, mas eu baixei os olhos e principiei mais energicamente a trabalhar com o garfo. O lanche pareceu-me sem gosto, notei isso com espanto, pois até então ele me apetecia. Eu sentia que o jovem ainda me olhava, mas quando novamente o encarei, ele mastigava indiferentemente, dirigindo a vista em outra direção. Comia de maneira tão habitual que até tive dúvida de conhecê-lo. No entanto, observei-o por um tempo exagerado, e o jovem novamente levantou seu olhar do prato, permitindo que eu visse pela segunda vez seu rosto. Não, eu não me enganara. Algo conhecido havia muito tempo incendiou meus olhos. Forcei a memória para me lembrar. A cabeça, no entanto, encheu-se de algodão, era em vão esperar por uma centelha. Aquele rosto escondia-se em qualquer parte no fundo da minha memória, em seus esconderijos frios e muito distantes.

O jovem notou o meu interesse e eu resolvi sair do Café.

Desci vagarosamente as escadas e, quando me achei na calçada, senti falta de um espelho. Encontrei-o na próxima vitrina: um homem com mais de quarenta anos — eu — me fitava. Estava trajado nem bem, nem mal. Olhos, testa, casaco, pernas, braços se compunham de qualquer maneira, tive consciência disso. Fui andando pela rua e de repente compreendi que pensava naquele jovem sem parar. Fiz uma comparação dele comigo mesmo e tive que refutar a suspeita. Não era parecido comigo, mas havia algo: eu, refletido no espelho, o negava: eu, refletido em mim mesmo, me afligia.

Eu voltava, como de costume, do trabalho: o lanche no Café pertencia a meu ritual cotidiano. O tempo que se estendia entre o trabalho e a casa era um limite certo que dividia duas metades da vida — a profissional e a doméstica. Pensei sobre meu trabalho. Uma sala repleta de microfones: quatro na parede, dois pendurados no centro da sala, alguns montados dentro das paredes. É difícil acostumar-se ao ar, cada metro quadrado do qual deve ser conscientemente escutado, mas já me acostumei a isso. A janela interior me divide do mecânico, nós nos conhecemos bem um ao outro, e quando eu estou junto à mesa dirigindo a gravação, gosto de ver como ele liga e desliga a corrente. Todos os sons devem ser absorvidos pelo ar, devem encher o espaço da rua, e às vezes tenho a impressão que o ar em torno é simultaneamente o ar da nossa sala e de mil salas como a nossa. Por isso, às vezes o temo. Então se sente ondas do rádio como se sente o vento, — vê-se infinitas espirais que de todos os lados chicoteiam o ambiente e você dentro dele. Estas ondas amarram meus sentimentos, meus pensamentos e isso, às vezes, chega a ser insuportável. Então olho em torno como um neófito: o ar não se modifica em ondas, mas será que nós não nos modificamos? Pois em torno agonizam inúmeras palavras, e eu não posso ignorar esta morte de palavras e sons. É um presságio abismal: quando o medo se manifesta no meu coração, é um medo invisível, sem corpo, possivelmente um pavor cósmico...

“Este jovem...” — continuo a pensar. “Que estranho conhecido...” Meu quarto me espera com objetos dispostos na escuridão. Não acendo a luz, ao entrar. Particularmente, quando lá fora está ventando. Então o vento entra pelas brechas e

ouve-se profundos sons uterinos... Aliás, amo estes sons, especialmente, quando sou visitado por sentimentos incompreensíveis. Hoje, também, fui visitado por um deles e em vão tento esquecê-lo.

2

No dia seguinte aconteceu a mesma coisa. O jovem entrou no Café, sentou-se à mesa e encomendou a refeição. Eu me encolhi mais profundamente em minha gola — comi hoje agasalhado e tentei não olhar para aquele lado, onde o desconhecido estava sentado. Enganei-me pensando que iria dar atenção a mim. Hoje ele não me olhava, senti isso com todo o meu ser. Hoje ele estava indiferente, e isso estranhamente me inquietava. Continuei a comer, embora o lanche não entrasse na minha garganta. Eu engolia quase sem mastigar — queria o mais breve possível abandonar o Café, pois no fundo do meu ser, no fundo da minha paz eu já sentia o incompreensível crescimento do perigo. O acaso estava excluído, como parecia, isso tive que admitir. Então eu venci o medo que sempre nos prende quando, pelo menos num instante, perdemos o estrito nexo e a certeza sobre a severa lei da ordem das coisas. A curiosidade, portanto, não me abandonava: levantei o olhar e vi outra vez o jovem. Seus olhos novamente me pareciam muito conhecidos, e de repente compreendi por quê: novo e puro, ele ainda pouco sabia sobre as pessoas, ainda estava mergulhado profundamente dentro dele mesmo... Eu terminava o almoço, o mesmo fazia o jovem, parecia que iríamos terminar ao mesmo tempo. Decidi segui-lo — algo me ditava agir justamente assim, eu não tive livre arbítrio. Meti a mão em baixo da mesa, sentindo o couro grosso. Certamente saí hoje para vagar na Natureza, como sempre: com a máquina de tirar retratos e esta disposição tensa, que é mister aliviar. Esta disposição não era nem cansaço, nem mau humor; era o resto de meus sonhos efêmeros infantis, quando queria encontrar meu semblante nos rostos das árvores — pois todas elas, conforme minha visão, tinham um rosto. Eu andava ao longo do Dnieper e contemplava aqueles rostos, como se olha pessoas no Khrechtchatyk. A máquina de tirar retratos era necessária para

isso; eu fotografava os rostos de minhas árvores, para depois captar como elas aparecem na foto do nada e lembram... Muitas coisas me lembram estes rostos, coisas que me renovam para o dia de amanhã, que fazem reviver meu bom humor e minha boa disposição — aquilo que não possui na linguagem seu termo, mas que é reconhecido por alguém que passou por algo semelhante e em cujo peito de vez em quando se mete um pedaço de pedra cinzenta.

3

Então esperei até que aquele jovem saísse do Café e impacientemente esfreguei o couro do estojo da minha máquina de tirar retratos. Eu sabia que iria segui-lo e que esta caminhada iria revelar para mim algum mistério. Talvez isso fosse exagero, quem sabe, porém nossas expectativas possuem sempre um presságio comovido, como se diante de nós devesse, a cada instante, manifestar-se um conto de fadas. E mesmo sendo este presságio frustrante, eu não desisto de sua novidade luminosa que se derrama qual bálsamo sobre o pensamento.

O jovem terminou o almoço e vestiu o casaco. Eu engolia apressadamente a compota, sem retirar os olhos dele. Não havia tempo, e pulei para fora da porta de vidro do Café.

De repente o outono me ofuscou. Não percebera que lá fora brilhasse o sol, e o outono derramou então sobre mim suas cores luminosas-amarelas.

Aconteceu tão rapidamente que quase perdi aquele que, incompreensivelmente, tanto me havia interessado. Porém este ofuscamento, esta cegueira momentânea também eram necessários: eu sabia que precisava hoje do rosto do jovem. Sim, era o único que me atraía nele; além das árvores, quis tirar hoje seu retrato. Hoje os rostos das árvores, que sempre me interessavam, mergulhavam num abismo, como se algo mais importante devesse acontecer até o final do dia. Hoje era domingo, e isso me dava surpreendentemente uma alegria radiante. A meu encontro fluíam pessoas, quase todas com rádio portátil nas mãos, eu caminhava no meio de antenas atiradas ao céu, uma floresta metálica de cem vozes, pois

cada rádio transmitia sua própria melodia. A figura do jovem não se perdia da minha vista; eu não pude livrar-me da estranha, cômica sensação que nós dois repetíamos, nesta mata de antenas, os mesmos movimentos, ou terá sido então eu, quem indo atrás imitava o jovem?! Isso se assemelhava a uma pantomima no meio da balbúrdia do ar sonoro. Foi-me, no entanto, algo claro: alguma coisa importante nos unia neste dia outonal. Passamos juntos ao estádio, de onde também se derramava a turba munida de transístores, e nós dois nos encolhíamos quase do mesmo modo, era um jogo ridículo, um pouco estranho, no qual — diferente de outros jogos — não era necessário nem vencer, nem sofrer derrota. Compreendi esta camuflagem — os abetos pintaram sua folhagem como se fossem plumas de papagaios, escondendo os ramos cinzentos, cotidianos. As pessoas saíam do estádio segurando nas mãos transístores com antenas puxadas para fora. Eu tirei rapidamente a capa da máquina fotográfica, mas não havia necessidade deste gesto: o jovem afastou-se, e suas costas não me interessavam. Era mister passar para outro lado da rua; mais adiante principiava a Alameda Eterna; eu não devia perdê-lo neste ponto; do lado poder-se-ia esconder a máquina no meio dos ramos e apertar o gancho. Corri para chegar a tempo, para tirar uma foto de seu rosto normal, não contorcido pelo espanto ou repulsa em relação a mim, o indesejável fotógrafo. Em vão: o jovem entrou na Alameda Eterna antes de mim para o abrigo da árvore. Eu, no entanto, não me rendia; corri ao longo da estrada, junto ao parque de diversões, para, outra vez, cortar seu caminho. A meu encontro ia um grupo grande de rapazes e moças — rapazes com rádios portáteis, moças sobre sólidos saltos cúbicos. iam dançando, balançando os corpos; afastei-me para o lado com propósito de deixar passar aquela alegre companhia. — Hê, fotógrafo! — gritaram eles quase em uníssono. — Tira o nosso retrato! — As antenas me agrediam quais espadas, — sempre tive medo de coisas pontiagudas, — rodearam-me, as moças se balançavam. "Afim", pensei, "o que me custa?" No entanto, podia perder o jovem. Sorri com desculpas, apertando-me na beira da calçada. Eles passaram, por sorte não insistindo, e eu me meti nos arbustos para poder alcançar meu jovem. Precisa-

va de seu rosto, — não entendia este meu capricho, mas uma força interior me dominava e tive que me submeter a ela. Deitei-me no chão, coloquei a máquina fotográfica no espaldar quebrado de um banco e comecei a tirar retratos ao redor da Alameda Eterna. Minhas mãos tremiam, tive que subjugar esta emoção para conseguir o que queria. Olhei o céu: estava lindo, com uma cor rara. Nunca, nem antes nem depois, vira um céu tão alto e maravilhoso. Derramava-se em mim sua paz necessária para não vacilar; ajustei a lente e esperei. Estranha e tola sensação apoderou-se de mim no instante seguinte! Parecia-me segurar, escondido no meio dos galhos, uma espingarda apontada para este jovem que tanto me abalou, como para minha vítima. Senti-me por um instante um assassino e estremei.

4

O jovem apareceu na Alameda justamente então, quando de novo me acalmava. Eu o vi na moldura do meu campo de visão: tranqüilo, um pouco pensativo, ele vinha justamente em minha direção. Com sangue frio deixei que se aproximasse, apertando o propulsor...

Quando me desliguei da máquina fotográfica, ele tinha sumido. Uma estranha fraqueza apoderou-se de mim; ela prendeu meus músculos, um espasmo paralisou a garganta. Com toda a certeza, naquele momento minha aparência deveria ser lamentável, mas as forças não me abandonaram de todo. Levantei-me, cobri a máquina de retratos com a tampa e subi lentamente: o trabalho com o negativo estava para ser feito.

A rua já estava deserta, levantou-se um vento, impelindo para todos os lados a folhagem tombada. Ela era úmida e se voltava sem vontade na calçada. Senti cansaço: o céu tornava-se cinza, e algumas gotas bateram no asfalto seco. Atravessei a rua: junto ao estádio não havia alma viva. O vento rolava pelo chão um cartaz arrancado, e pisando nele li o anúncio de um jogo de futebol. Este já tinha passado, ao redor tudo vazio. Então sentei-me no banco ao lado do estádio e afundei-me em pensamentos.



MM

O CAMINHO

No fim do ano de 1618, na propriedade Ghudytchi, aconteceu algo inacreditável. O dono da propriedade, senhor Yury, enforcou-se sem ter dito uma palavra a ninguém e sem deixar testamento. O mais absurdo era o fato de que a ação do senhor Yury não tinha nenhuma explicação. Porém a tragédia aconteceu, não havia dúvida.

De manhã foi um Deus-nos-acuda na propriedade. Tomaram a refeição às pressas e sem a costumeira solenidade. No quarto do marido, a esposa encontrou um cofre com documentos familiares — até então eles estavam sendo guardados em lugar secreto. O cofre estava aberto; o senhor Yury, certamente, examinara os documentos. Isso acontecia raramente: conhecia-se seu conteúdo, e não havia necessidade urgente de provar sua nobreza e seus direitos.

Fechando-se em seu quarto, a esposa mergulhou em pensamentos. Seu marido, além de tudo, conduzia-se de modo estranho. O fato dele não se interessar pela posse não a perturbava — sempre era assim. Este peso colocava-se em cima dos ombros da esposa, e ela dava conta de tudo.

A mulher suspirou. Seu marido gostava de ficar dias seguidos na biblioteca e até negligenciava os deveres conjugais. De novo a senhora suspirou: quantas vezes lamentava que Deus não lhe dera filhos. A segunda paixão do marido era astronomia, — aliás eram as conversas com o astrônomo, que ele mandou vir da Alemanha e para quem equipou um pequeno observatório.

A senhora mandou imediatamente chamar o astrônomo à sua presença. O baixo e frágil homenzinho com face enrugada e braços compridos demais estava abalado não menos do que ela.

— Eu gostaria de saber, que conversas meu marido tinha com o senhor? — perguntou ela. O astrônomo apertou sua

pequena cabeça com as mãos, seus olhos acenderam-se tensos, e ela sentiu de repente que odiava aquele palhaço.

— Parece-me que sobre nada em particular, — disse ele finalmente — falávamos sobre estrelas, sobre o infinito... Sobre os livros e sobre a existência humana. Eu não posso compreender!

— Também eu não, — respondeu secamente a mulher.

Era um dia sombrio. As nuvens pendiam do céu quais panos escuros e rumorejavam atrás das colinas, como se quisessem rapidamente esconder-se além do horizonte. A terra cochilava numa luz cinzenta, esta cor derramava-se nas almas das pessoas, e todos andavam algo aborrecidos.

O acontecimento ficava de acordo com a paisagem, com a disposição do astrônomo e da senhora: um sentimento incompreensível, ferido, — uma angústia sem nome. O mau tempo a seu modo a definia, como aquele ajuntamento no horizonte, onde as nuvens se empurravam como ovelhas num rebanho e se apressavam para esconder-se numa distância turva. Além disso, não havia nada de particular; este fato espantava e cansava, mas não tranqüilizava, — a tristeza tornou-se cinzenta como estas nuvens, rolando e rolando, como se procurasse para si também um claro raiar do sol...

Na propriedade Ghudytchi, como em qualquer casa naqueles tempos, vivia Domovyk¹. Quando aconteceu a tragédia, o desespero apertou seu peito.

“Eu estou encarregado de proteger o lar contra a desgraça!” — pensou ele com tristeza, medindo com seu olhar o sótão esfumado.

Pela janelinha derramava-se a noite pálida, como morta, e Domovyk foi à procura da luz das estrelas. Era calmo e silencioso. Via-se um caminho branco que corria da propriedade e perdia-se na noite.

“Este caminho me enfeitiçou”, — continuava pensando Domovyk. — “E quando um Domovyk fica enfeitiçado pelo caminho, acontecem desgraças. Os da minha estirpe devem pensar em casas, não em caminhos...”

1) Domovyk — um fantasma doméstico, protetor do lar.

Dois dias antes, quando o astrônomo contemplava o céu pelo telescópio, ele recebera a visita do senhor da casa. Estava sombrio e pensativo e tinha um grande desânimo no olhar.

— Algo lhe aconteceu? — O astrônomo sentou-se no banquinho e esfregou com o lenço os olhos cansados do esforço.

O senhor Yury sentou-se à sua frente.

— A meu ver, nada pode acontecer em vida, — retrucou de maneira enigmática o dono. — Sabe por quê?

Olhou à sua frente os lacrimejosos olhos do astrônomo e sorriu de súbito.

— Porque na vida não há nada de válido e de surpreendente. Os infortúnios e até a morte são algo tão cotidiano e enfadonho.

O astrônomo admirou-se .

— O que há de novo lá em cima? — mudou o dono a conversa, acenando em direção ao céu. — Lá deve haver pelo menos uma calma total.

— Não há calma em parte alguma! — disse o astrônomo. O dono lhe passou um olhar furtivo. — Cuide-se de maus pensamentos, senhor, — gracejou o sábio. — Em agosto queima o maior número de estrelas...

Eles fitavam uma parte livre de horizonte, cravejada de gotas douradas. Uma calma fora do comum se estendia, até os grilos calavam naquela escuridão abafada. Os dois sentiam ao mesmo tempo uma saudade atroz comprimindo seus corações. Tais instantes aconteciam por vezes; até estavam acostumados a eles e gostavam de vivenciá-los juntos. — A terra é um ponto minúsculo, — disse lentamente o dono, tamborilando na mesa. — Inteiramente miserável...

— Pode ser, — concordou o astrônomo. — De fato, a terra é algo pequeno nesta grandeza, — apontou com a mão onde se via estrelas. — Ninguém imagina esse espaço, e será mesmo que ele existe, se não há limites? — Ele sorriu tristemente, então levantou-se e colocou com um pedaço de giz um ponto na lousa escura. Farelos caíram dos seus dedos empoeirando seu traje.

— E neste ponto estamos nós, — disse o senhor Yury — aquela poeira que se derrama de suas mãos.

— Porém nós existimos! — retrucou o astrônomo. — Pos-

suímos nossos assuntos e nossas paixões. Assim era e assim será.

— Tudo isso não deixa de ser uma agitação vazia, — o senhor Yury fitou o astrônomo. — Tudo é só um movimento sem sentido. Os homens inventaram tantas coisas para enganar uns aos outros, porém tudo é fraude: tudo é vão no mundo! Por isso o homem se perde nele como um inseto ou pássaro. Após duzentos anos ninguém se importará com o que representavam tais pessoas como nós. Serão anotadas as guerras, conduzidas por não menos poderosos de que reis, terão interesse em saber se nós criávamos vacas e como cultivávamos a terra. Mas as nossas almas ser-lhes-ão indiferentes: estas pertencem a nós e só a nós...

Ele estava sentado cabisbaixo, seu olhar pensativo ardia com uma chama escura. Nesse momento os grilos zirparam. Uma brisa passou: de longe veio o cheiro do trigo maduro e do feno.

— Cuidado com os maus pensamentos, senhor, — pela segunda vez disse o astrônomo. — Eles crescem no homem como erva daninha e são capazes de poluir a alma...

— Pensa assim? — perguntou o senhor Yury. — Mas eu acho às vezes que há uma razão para abandonar a vida; isso é, talvez, mais inteligente, de que ser apenas um mero espectador...

O astrônomo sacudiu a cabeça: sentia nas palavras do dono algo de novo. Pretendia formular até o fim seu pensamento, dirigi-lo ao leito mais seguro, mas calou-se por uma razão qualquer. Talvez estivesse cansado.

O senhor Yury fitou o sábio com um olhar estranho e sorriu. O astrônomo não pode suportar este sorriso. Preocupado levantou-se. O dono riu silenciosamente.

— O senhor pulou como se algo devesse acontecer, — disse.

— Parece que algo já aconteceu, — respondeu o astrônomo.

À noite, quando aconteceu a desgraça, Domovyk saiu da propriedade, subiu o muro e pulou nas ervas daninhas. As urtigas sussurraram, o vento passou, acendendo no abismo

da noite fogos inquietos: a noite gerava os Perelesnyky². Pequenos e alegres, eles se agitavam pela terra, escondiam-se em recantos distantes, procuravam vales ribeirinhos e buracos escuros, brenhas e barrancos cheios de urtigas. Era um mundo sem corpo, repleto de movimento sem repouso, e ele atraía Domovyk.

Na aldeia, as portas rangiam, as bruxas iam às escondidas ao longo das cercas, conduzindo vacas sonolentas pelas rédeas. As vacas passavam silenciosamente na rua macia, e seus olhos estavam fechados. Os cavalos inquietos relinchavam, os pastores se apertavam junto à fogueira que os defendia da noite e seus filhos.

Domovyk não tinha medo da escuridão, ele não tinha medo de nada, pois desde que o pensamento irrequieto sobre o caminho o assaltou, tudo quebrou-se dentro dele. “Preciso encontrar uma companheira”, — pensou ele, deitando-se no copioso acônito.

As bruxas conduziam suas vacas, e ele fitava ansiosamente seus rostos. Elas eram tão repulsivas que ficava arrepiado. As bruxas paravam por um instante, as vacas mansas apertavam-se umas contra as outras com seus flancos tépidos, e as feiticeiras faziam cócegas em suas barrigas. Então as puxavam novamente pelas rédeas e fluíam pelo branco caminho silencioso como sombras. Em torno esvoaçavam Perelesnyky quais morcegos, — fogos claros, clarões!...

Domovyk vagueou atrás das vacas: espalhava-se cheiro de leite que pingava na terra de úberes cheios. O leite vaporejava — um olor doce, embriagador tirava a consciência de Domovyk; sentiu-se tremer.

A floresta gemeu surdo, quando as bruxas entraram sob seu amparo.

Domovyk ouviu aquele gemido — ele ecoou no seu coração. Não relentou, no entanto, seus passos: atraía-o uma força desconhecida. “É a força do caminho”, — lembrou-se. “A única força diante da qual sou impotente!”

O astrônomo acordou sentindo suor frio. De todos os la-

2) Perelesnyk — espírito tentador-amoroso.

dos a escuridão o contornava, na janela espiavam estrelas, profundas como abismo, e tudo estava velado por uma película opaca e fria que encobria hermeticamente o mundo. Apenas nas aberturas douradas os raios das estrelas se partiam; no pescoço sentia uma argola: parecia que alguém apertava a garganta com os dedos por muito tempo. “Tudo isso são miragens”, — pensava o astrônomo. “Miragens desnecessárias e vãs!”

Não podia livrar-se da impressão do acontecimento. Não podia dar conta da noite presente, da sua vasta frieza e sua imensidão. “Cada dia nós vivemos para morrer de noite e renascer de manhã”, — pensou. “Nós morremos a cada dia e com isso nos livramos da necessidade de solucionar o mais caprichoso dos enigmas — a escuridão. No entanto, há instantes, quando não podemos mergulhar, como de costume, em não-existência. Então, sobre nós desaba o sonho hieroglífico do céu, e nós nos esforçamos por decifrá-lo, para reencontrar a paz. Isso nem sempre é bem sucedido, pois é preciso sol para clarear os pensamentos”.

“Sou astrônomo”, — pensou ele — “designado a decifrar o céu. No entanto sou um ser igual aos outros, e o fato de ferir a lei primordial sobre o destino diurno do homem vinga-se em minha pessoa. A terra me prende igual a qualquer um. Por isso as noites de insônia são para mim tão insuportáveis como para os outros...”

Ele estava deitado por muito tempo olhando, tenso, a escuridão. Havia silêncio ao redor. Tanto silêncio, que começou a temer que lhe rompessem, por causa da tensão, os nervos auditivos...

A governanta entrou cuidadosamente no aposento da senhora.

— O senhor Yury já foi vestido e colocado no seu quarto.

A senhora fez um gesto com a mão, e quando a governanta saiu, ficou parada junto à janela em doloroso pensamento.

Pelas janelas derramava-se um dia azul, grandes montões de nuvens seguiam pelo caminho anilado do céu e desapareciam no horizonte. O casarão estava de pé numa colina, ela viu o vale do rio densamente semeado de casas brancas com

copioso verdor de pomares, via a fita azul do rio, as ondas cintilantes, a grama brotava com um verde escuro viçoso. A senhora olhou o caminho que corria para fora da aldeia e cortava vastas searas de centeio. Pelo caminho, trajado de branco, ia um velho cego. Não tinha guia, estendia a mão e batia a terra com sua bengala preta que parecia até ser feita de piche. A senhora olhava as colinas distantes que se punham em frente do horizonte. Sentia pena de não terem tido filhos, ela e o marido, ou de ter ficado só. Hoje nem cuidava do governo da casa, — era apenas uma fraca mulher ofendida. As searas rolavam em sua direção, curvavam-se em ondas já douradas. O cego sentou-se no declive da colina e merendava sem pensar, ostentando a mancha branca da barba. Estava grisalho da cor do leite, e sobre seus joelhos descansava, qual cobra, a bengala preta cor de piche...

Nesta noite Domovyk vagou por muito tempo atrás das bruxas, até que elas chegaram a uma clareira vasta. Era inteiramente escuro, tudo desalentado como morto, as árvores estavam iguais a sentinelas, sem gemer, apenas olhando, severas e imóveis. Domovyk meteu-se numa aveleira, aconchegou-se junto à terra tépida e úmida, observando as bruxas. Estas amarravam as vacas tontas; o gado dormia exalando o cheiro de leite e mexendo inquieto com os cascos. Nesse ínterim as bruxas traziam galhos secos: faziam gestos mais lentos com os terríveis rostos contorcidos.

“Aqui não vou encontrar companheira”, — pensou Domovyk triste. “Mas tenho que achá-la sem falta!”

Ouviu como a bruxa mais velha bateu palmas, e no meio da clareira acendeu-se de repente uma enorme fogueira. As bruxas moviam-se mais animadas, preparavam-se para a dança, levantando as saias, tirando as botas e soltando os cabelos. A fogueira ardeu com brilho ainda maior, lançando-lhes no rosto um resplendor vermelho, e as vacas abriram os olhos.

— Vamos! — exclamou a bruxa mais velha e bateu palmas novamente. As bruxas aproximaram-se das vacas com passo dançante, as vacas se puseram sobre as patas traseiras, e as feiticeiras pegaram seus cascos dianteiros.

— Comecem! — exclamou a bruxa mais velha.

Começou a dança das vacas, apoiadas sobre as pernas traseiras, e as enérgicas bruxas agitadas. Davam uns pulinhos leves e brincalhões; de longe se ouvia agradável toque de música feérica de sinos, o batuque de martelinhos dourados, e as vacas pulavam na grama verde como se alguém lhes tivesse dado corda.

Domovyk esfregou os olhos. Fitou a mais jovem das bruxas e uma inquietação estranha apoderou-se de sua alma e do seu coração começou a sumir a tristeza rapidamente e sem dor. Diante dele dançava uma beldade. Nunca tinha visto igual. Ela curvava o corpo jovem, o esplêndido cabelo cor de palha espalhou-se pelas costas, os grandes olhos negros brilhavam com um fogo quente e igual, o rosto alvo resplandecia. “É um conto de fadas”, — pensou ele, “é algo inacreditável!”

Chamou-a com voz baixa. Ela ouviu, pois voltou-se áspera em sua direção.

— O que você quer? — perguntou em voz alta, e ele sentiu sua respiração sufocar.

— Vamos fugir daqui! — sussurrou ele. — Quero-te por companheira.

Ela riu.

— Não ri tão alto, elas ouvirão, — disse em voz baixa.

— Não ouvirão coisa alguma! — disse ela, quase gritando. — Queres, então? Vamos! De qualquer modo não sobrou nenhuma vaca para mim.

— Eu não sou vaca, — disse ele. — Sou um simples Domovyk.

Ela riu novamente. Então ele lhe deu a mão e levou-a para fora da mata.

— Vamos correr! — sugeriu, e eles correram. Quando pararam, as árvores balançavam sobre eles as copas, acima das cabeças gritavam mochos.

— Vem! — disse ela, deitando-se na grama. — E fecha os olhos!

A grama exalava cheiro de feno, pelos ramos espiava o céu. Eles chegaram perto um do outro, ele sentiu arrepio.

— Então, bobinho! — disse ela. Ele fechou os olhos e lhe estendeu as mãos. Algo gelado queimou seus dedos e ele pulou para trás assustado. Diante dele jazia um grande toco

podre de raízes escancaradas que cintilava com fogo morto de vagalumes...

A senhora não entendia o que tinha acontecido. Eram demasiadamente escassas as conversas do marido com o astrônomo para chegar a qualquer conclusão. De repente sentiu que a morte do marido — apesar de ter sido estranha e terrível, não a abalara. Já no primeiro dia após o enterro ficou por muito tempo sentada nos seus aposentos, de velas apagadas e janelas encobertas. Estava sentada na mais completa escuridão e isso lhe dava um humor negro. Queria chorar, porém não tinha lágrimas. Não sentia tristeza, nem mágoa, apenas um sentimento de desespero e vazio. Finalmente não agüentou a exclusão, abriu para a noite as asas das janelas e vislumbrou o céu. Ficou magoada com esta profundidade calma, infinita, atemporal, este cintilar inesperadamente faiscante de raios mortos. Sem a lua, o céu era igual a um tapete cravejado de prata.

Sentou-se no banquinho e escondeu o rosto nas mãos. A única coisa que desejava era arredondar os círculos tão repentinamente desfeitos...

A porta abriu-se silenciosamente, e ela moveu-se assustada.

— Quem é?

— Eu, — ouviu a voz rouca de Domovyk. — Posso entrar? Sentiu de repente vontade de conversar com ele.

— Entra.

— Aqui não há luz, — disse ele. — Então criei coragem para entrar.

— O que se passa nesta nossa casa? — perguntou desolada. — Tu deverias tomar conta de tudo...

Domovyk calou, deixando pender a cabeça cansada. Ela o viu todo: sua figura escura quem nem carvão, não se sabia se era gente ou gato, uma cabeça quadrada, e no pequeno rosto de contornos mal desenhados ardiam duas brasiinhas. A mulher pensou que nunca o tinha visto tão de perto, que podia também ser sonho, pois ninguém o via de tanta proximidade.

— Por que isso aconteceu? — perguntou com sofrimento na voz.

Domovyk deu de ombros e seu rosto ficou subitamente iluminado pelos raios das estrelas: era liso e azul...

O astrônomo permanecia sentado no seu observatório e estava triste também. Bateu com as pequenas pálpebras e teve a impressão de o mundo ser feito inteiramente de outro modo do que julgava antes. Sentou-se no banco e esfregou sua madeira já sem isso lustrosa, enquanto as estrelas piscavam para ele de maneira zombeteira.

“Pensei antigamente que cada coisa pode ser explicada”, — cogitava, “mas agora tenho dúvidas. Pois se não podemos explicar cada coisa, para que, então, existe a razão?”

Uma tília se debruçou em sua direção. Arrancou uma folha, amassou-a e sentiu seu aroma forte. Talvez a resposta estivesse nessa folha? “Na folha, ou na estrela, ou talvez na árvore inteira da vida?” — pensou.

Silenciosamente abriu-se a porta, e ele adivinhou de antemão a chegada de Domovyk.

— Então, — perguntou. — Podes me esclarecer algo?

— É o que pretendi perguntar ao senhor, — suspirou Domovyk.

— Somos diferentes, nós dois, — disse o astrônomo, mesmo sem ver com quem estava conversando. — Somos bem diversos. Tu queres abandonar o aconchego do lar ao qual estás preso, para meter-te em caminhadas, não falo a verdade?

No canto do cômodo algo suspirou profundamente.

— E eu ao contrário, — disse o astrônomo. — Meu único desejo é terminar a caminhada e retirar-me, até o fim da vida, em qualquer boa morada.

— Vamos trocar os papéis, — ouviu-se a voz do escuro. — De fato, não devo afastar-me nem um passo de casa, mas o caminho me atrai. Devo proteger esta morada, mas o vasto mundo me tenta...

O astrônomo sorriu, inalou o cheiro condimentado da tília e, nesse instante, conheceu o dia de amanhã.

“Amanhã recomeçará a minha peregrinação”, — pensou.

A senhora mandou chamar o astrônomo à sua presença. Quando o fitou, ele lhe pareceu ainda mais baixo e miserável.

— Penso que compreendeu, — disse ela friamente — que na minha propriedade os astrônomos são supérfluos. Nos olhos do astrônomo quebraram-se centelhas. Ele baixou humildemente a cabeça, calado.

— Refleti por muito tempo sobre o que aconteceu, — disse a dona da casa. — E cheguei à seguinte conclusão: o senhor Yury enlouqueceu, e o senhor tem nisso a maior culpa.

O sábio abanou a cabeça. Seu corpo inteiro tornou-se rijo.

— A senhora quer pensar assim, — disse em voz baixa. — Espero que me darão cavalos para transporte de livros e instrumentos.

— Não! — cortou secamente a senhora. Levantou o queixo e o olhou com desprezo. — Em uma hora, seus livros e instrumentos serão queimados. E ao senhor aconselho apressar-se. — Sua voz era nervosa-metálica. — Pois se não sair daqui em uma hora, eu mandarei meus servos lhe passarem piche por cima do corpo e impeli-lo para além dos limites das minhas terras.

O astrônomo estava de pé, desolado, seu rosto lívido e calmo.

— Está bem, — disse ele. — Eu peço à senhora conceder-me apenas um dos meus livros.

— Permitirei que leve um livro, — a mulher levantou-se, seu peito arfava — mas a escolha será minha. E o escolhido é a Escritura Sagrada!

Um sorriso pálido passou pelo rosto do astrônomo. Ele virou-se para ir embora.

— Tome seu salário! — disse atrás dele a senhora.

Porém o astrônomo já se afastara. Anoitecia e ele refletiu que teria que caminhar na escuridão. Seu pequeno rosto endureceu e nos lábios surgiu um amargo e sábio sorriso.

À noite queimaram os livros e os instrumentos astronômicos. A senhora da casa trajava uma veste preta, sua face cheia, de nariz pontiagudo e olhos grandes, era cruel e determinada. Os servos traziam os livros e os instrumentos para fora com exclamações alegres, o moço da estrebaria alimen-

tava o fogo, e ela esperava até que trouxessem tudo. Lembrava neste momento uma grande coruja esperando a presa, sentia o afluxo de uma poderosa força negra, igual a seu traje. A única coisa que lamentava neste momento era de ter feito o astrônomo escapar tão facilmente de suas mãos. O sábio não levou consigo a Escritura Sagrada, e isso serviria de bom motivo para sua condenação. Ele pegou apenas uma bengala forte e partiu noite adentro.

“Eu devia tê-lo queimado junto com estas tralhas diabólicas”, — pensava a senhora, estalando seus dedos.

O fogo avivou-se com bafo quente, ela afastou um servo com um gesto e pegou o primeiro livro. Este abriu-se no vôo, suas folhas farfalharam — o fogo esguichou para cima e pareceu engolir a vítima. A senhora sentiu uma exaltação. Ondas de raiva e satisfação, afluxo de uma força escura — tudo aquilo apagava sua razão e embaçava a vista. Ela já não se dava conta do que fazia, apenas agarrava livros e instrumentos, lançando-os desvairadamente ao fogo. A fogueira estalava e ria, derramando um clarão vermelho, enchendo o céu, o pátio, o casarão. Ela contornava o fogo como uma gata, seu cabelo emaranhou-se, o olhar espalhou centelhas rubras. Sua boca ficou torta, e toda ela parecia balançar-se num ritmo singular. Sentia contentamento, pois tinha vontade de dançar nesta luz vermelha, pular dentro daquelas línguas de fogo e pisar com os saltos aquilo que restou do equipamento do astrônomo. Rondava o fogo como uma gata, e a alegria enchia-a inteiramente.

— Eu sabia, — sibilava com voz rouca, — isso foi a causa dos meus infortúnios! O diabo maltrata nossas almas e sempre tem jeito de nos pegar...

Ainda por muito tempo ela dava voltas, bufava e resmungava, e quando a fogueira se extinguiu e tudo ficou encoberto pelo silêncio e pela escuridão, percebeu que o ritual tinha acabado. Os servos estavam humildemente de pé à distância, aguardando ordens.

— Vão dormir! — fez sinal com a mão.

As sombras sumiram. Olhou por um certo tempo o carvão meio apagado, depois também dirigiu-se a seus aposentos. Estava cansada, já não sentia nem alegria, nem contentamento. Tudo permaneceu como era antes, e quando achou-

se na casa escura, pela janela, qual fluxo da eternidade, deram-se sobre ela a poeira das estrelas. As flores estelares colavam-se nas vidraças e tremiam nervosas.

Depois desta noite memorável, Domovyk não abandonou mais a propriedade. Subia ao sótão e metia-se nos recantos envolvidos por teias de aranhas. De vez em quando chegava-se à janela, mas logo voltava. Sentia-se solitário e triste.

O chefe dos Domovyky fez-lhe uma visita.

— Em tua casa deu-se uma desgraça.

— Sei.

— O que podes dizer para tua justificação?

— Posso me casar? — perguntou Domovyk.

— Não preciso te explicar que nós vivemos solitários. Nós te concedemos divertimento, mas não mais de uma hora.

— Não! — respondeu Domovyk.

— Neste caso, — falou o chefe da comunidade severamente, — tens que morrer.

Domovyk olhou angustiado para ele e ficou sombrio.

— Escolhe, — disse o chefe.

— Posso vagar pelos caminhos? — perguntou Domovyk.

— Não! — retrucou o chefe. — Deves proteger a casa onde moras. Acaso não fazem sacrifícios por ti?

— Fazem, — admitiu Domovyk.

— Então escolhe.

— É difícil para mim.

— No entanto, tens que escolher.

Domovyk silenciou por muito tempo. Do seu recanto mirava aquele lugar onde com mancha clara brilhava a janela.

— Então? — impacientou-se o chefe da comunidade. — Ou devo escolher por ti?

Domovyk suspirou.

— Está bem, — disse. — Eu me submeto aos costumes da comunidade...

O astrônomo caminhava no meio da noite. Seu traje fino não o protegia contra o frio; havia muito tempo ele saíra do povoado e movia-se ao longo do caminho poeirento. Aqui na terra, não elevado com a ajuda do telescópio ao céu, ele come-

çou a ter medo. Temia arbustos, a escuridão, a sua solidão.

“Sempre amei isolamento”, — pensou. “Nunca fui atraído pelos mercados”.

Porém hoje, tendo se desfeito dos seus utensílios queridos e dos livros, parecia a si mesmo um pequeno inseto que se arrasta, sem jamais vencer a distância maldita.

“Talvez também este caminho não leve à parte alguma”, — questionava o astrônomo a si mesmo. “Eu me oriento bem pelo céu, mas mal pela terra”.

Levantou a cabeça, mas não viu então o céu. Uma grossa camada de algodão de nuvens se estendeu no cintilante elemento estelar e encobriu a terra. O astrônomo sentou-se na beira do caminho e cobriu a face com as mãos.

“Afinal, para onde vou eu?” — pensou. “Nem sei em que direção. Ando, pois nunca tive um lar”.

Sentado como um pequeno duende, piscava perdidamente com os olhos, desejoso de chegar a um lugarejo tranqüilo, encontrar em qualquer recanto uma boa casa e calcular as possibilidades — pois tinha conseguido pegar seus documentos.

“Pois eu, — cogitou — “devo determinar a estrela que, provavelmente, é responsável pelo destino do mundo. E se não for do mundo, então, pelo meu próprio destino!”

Seus olhos acenderam-se com saudade. Levantou-se e partiu novamente.

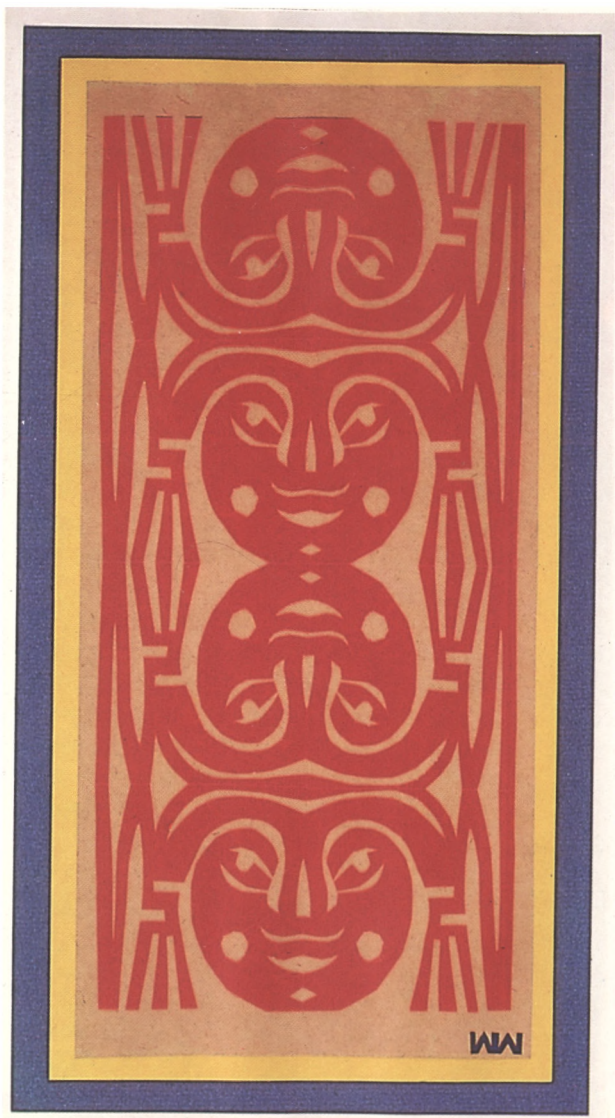
“Se ao menos as estrelas aparecessem”, — sonhava. “Então, poder-se-ia orientar e escolher esta ou outra direção”.

Parecia ao astrônomo que vagava já anos a fio. Encontrou uma poça d’água e curvou-se para olhar seu reflexo. Estava, no entanto, escuro e não viu nada.

“Tenho que caminhar!” — pensou. “Cedo ou tarde hei de chegar a uma aldeia. Lá poderei comer algo e descansar, mas principalmente livrar-me deste maldito caminho!”

O astrônomo meteu as mãos dentro das mangas e correu, batendo o solo com os pés. Correu por muito tempo, até que o suor apareceu em grandes gotas na sua pequena testa rugosa.

Pela manhã chegou a uma colina e viu embaixo um povoado. Olhou por muito tempo um casarão, forçando a vista até às lágrimas, pretendendo adivinhar até onde o destino o tinha trazido. No entanto, não desceu da colina. Diante dele estendia-se a mesma cidadezinha, da qual fugira a noite inteira...



MM

NUVENS CINZENTAS

O parente do senhor Khodatchkiwsky, Nykyfor Tvardowsky, chegou à tardinha. Jogou os cabrestos aos servos e quase correu ao refeitório, onde o senhor Khodatchkiwsky acabava de mastigar a perna de um javali. Regava copiosamente a carne com uma aguardente forte, por isso seu rosto estava inchado e vermelho. Em torno da mesa havia umas seis pessoas. Nykyfor Tvardowsky sentou-se junto ao dono da casa e lhe sussurrou que tinha trazido notícias importantes.

— Espere, senhor Tvardowsky, — respondeu-lhe satisfeito e contente Khodatchkiwsky. — Preciso ouvir até o fim o que me conta este javali! Anteontem, senhor, tivemos uma caça magnífica!

Todos os seis sentados à mesa riram com a piada, mas o senhor Tvardowsky continuava com a boca bem apertada.

— O senhor está com um aspecto tão misterioso, — disse a filha bonitinha de Khodatchkiwsky. — Talvez, conte as novidades também a nós?

O senhor Tvardowsky não respondeu.

— Será que é algo triste? — perguntou novamente a filha de Khodatchkiwsky.

Todos riram de novo, e Tvardowsky fincado no lugar sem deixar escapar uma palavra. Khodatchkiwsky o contemplou com vermelhos olhos bovinos e se levantou ruidosamente.

— Vamos, senhor Tvardowsky, — arrotou e limpou os beiços com a manga, — senão, estas criaturas morrerão de curiosidade...

Os comensais sorriram educadamente mostrando os dentes, e Tvardowsky saltitou como um corvo atrás do corpanzil de Khodatchkiwsky.

— Ah, este senhor Tvardowsky! — disse de modo afetado a filha de Khodatchkiwsky. — Sempre com seus segredos!

No quarto, onde chegaram, Tvardowsky farejou todos os recantos, espiou até atrás da porta.

— O senhor sempre teme emboscadas, senhor Tvardowsky, — resmungou Khodatchkiwsky. — Na minha casa ninguém fica colado às portas.

— Eu me preocupo com o senhor! — irritou-se Tvardowsky.

— Pois bem, — tranqüilizou-o Khodatchkiwsky, deixando-se cair no sofá. — Pode contar, pois aqui ninguém está ouvindo.

Tvardowsky acomodou seu pequeno corpo no banquinho, e seu rosto tornou-se grave. Olhou Khodatchkiwsky com seus olhinhos agudos e finalmente abriu os finos lábios desbotados:

— Eu trouxe à Vossa Senhoria as notícias aguardadas.

Khodatchkiwsky bufou e volveu seu rosto vermelho em direção a Tvardowsky.

— O senhor Dolynsky...

— O que há com o senhor Dolynsky? — interpelou Khodatchkiwsky animado.

— O senhor Dolynsky viaja com seus servos a Lutsk em uma semana.

Khodatchkiwsky fitava Tvardowsky com olhos vermelhos e inchados, como se pretendesse perfurar aquele vagabundo. Este, no entanto, calmamente suportou o olhar senhoril.

— As notícias são seguras? — perguntou finalmente Khodatchkiwsky.

— Assim como o fato de eu estar sentado diante do senhor, — tranqüilamente retrucou Tvardowsky. — Não ia perder dois dias a cavalo, cavalgando até aqui.

— Coisas boas merecem boa recompensa, — murmurou Khodatchkiwsky.

O senhor Tvardowsky, havia muito tempo, vagava pelas estradas de Volínia. Nos seus bolsos dançava o vento, mas isso não preocupava aquele senhor: tinha miolos na cabeça e sempre soube prová-lo.

Partiu satisfeito da propriedade de Khodatchkiwsky. Nos seus bolsos tinham alguns ducados, e Tvardowsky sorriu com um canto dos lábios. Atrás, seu servo se balançava na égua exausta e quase cega, e Tvardowsky contente refletiu que poderiam gastar os ducados bebendo em Zviaghel. Seu ca-

valo também era de pouca valia, apesar de que as rédeas estivessem cravejadas de prata, mas estas já estavam descascadas e quebradiças, e o senhor Tvardowsky contente, cavalgando neste instante, pensava sobre rédeas e cavalos novos. Suas vestes também eram freqüentemente remendadas, mas sua mulher o fazia bem, e o senhor Tvardowsky podia manter a cabeça orgulhosamente erguida. Ele ainda haveria de crescer e mostrar a todos estes senhores, sem acanhamento, que força estava oculta no seu corpo magro.

Por enquanto era ainda forçado a vagabundear com seu servo pelas estradas, aquele que se colara a ele como carrapato em cauda de cachorro; teve que mantê-lo também. Eles davam uma volta costumeira de um senhor a outro, onde Tvardowsky, apesar de tudo, era recebido, embora sem honorarias. Em troca, ele trazia presentes até para sua mulher, que acomodou-se como governanta na propriedade dos senhores Ghrunsky e podia alimentar até dez sujeitos da espécie de seu marido. Porém o senhor Tvardowsky tinha sua honra: ele não poderia suportar uma condição inferior à de sua mulher e preferia medir estradas empoeiradas, enquanto seu cavalo o carregasse. Teve de trocar mesmo de cavalo, não tanto seu próprio como aquela cega égua miserável, por causa da qual, especialmente, os outros lhe mostravam os dentes.

Agora Tvardowsky cavalgava até o senhor Dolynsky. Eles não de meter-se na briga, — pensou Tvardowsky, e ele iria esquentar suas mãos. A coisa era fidedigna: só não devia envolver os poderosos...

Estava satisfeito com seu caráter, sua pequena face desanuviou-se e, provavelmente, estes pensamentos adormeceram seus cuidados, pois junto a sua orelha assoviou um tiro, e o senhor Tvardowsky, assustado, parou o cavalo. O segundo tiro pegou sua manga. Imediatamente ele rolou na poeira da estrada. Seu servo fez a mesma coisa, e logo os cercaram aos saltos rostos bigodudos.

— É o senhor Tvardowsky! — o chefe dos bandoleiros deu uma gargalhada. — E eu pensei de ter apanhado um grande ricoço!

— O senhor Yassynsky gosta de se divertir! — disse Tvardowsky zangado, não se erguendo ainda da poeira.

— Levante-se, senhor! — gargalhou Yassynsky. — Pode ter certeza que não faremos mal nenhum a semelhante mag-nata.

— Isso faltava ainda! — sorriu Tvardowsky torto, enquanto sacudia a poeira. — Aliás, cavalgava justamente para me encontrar com o senhor...

Os bandoleiros mostraram os dentes, e Tvardowsky tristemente constatou que por toda a parte para onde ia brilhavam ao seu encontro aqueles dentes desnudos.

— Sinceramente, fui à procura do senhor!

— Então vamos sair da estrada, — disse alegremente Yassynsky. — Penso que não irá desprezar almoçar conosco.

O servo do senhor Tvardowsky estava atrás das costas do seu dono e sorria abobalhado, mas contente. Também Tvardowsky sentiu que na sua barriga tocavam clarrins.

— Oh, sim! — disse. — Não ouse recusar a generosidade do senhor.

Os bandoleiros deram gargalhadas, e Tvardowsky montou o cavalo: escorregou, pulou pela segunda vez e, sentado na sela, suspirou aliviado.

Entraram na floresta. Havia cinco bandoleiros, e Tvardowsky sem querer constatou que não conhecia o quinto; certamente anexara-se ao bando havia pouco tempo. Yassynsky cavalgava à frente, tinha um traseiro largo, e o pescoço gordo enrugava-se de banha. Afinal, também ele possuía sua propriedade, apesar de todo o mundo saber de suas atividades de bandido. No entanto, mantinha seu nariz contra o vento: sua propriedade era poupada por medo, e o senhor Tvardowsky pensou nisso não sem inveja.

Altos pinheiros sussurravam, como se lá em cima se desse uma conversa secreta entre o céu e a terra. O mato se emaranhava nas patas dos cavalos, em torno escurecia cada vez mais. A floresta bafejava um frio úmido, um cheiro de ramos e folhagem podres. Entre os pinheiros começaram a mesclar-se carvalhos, até que chegaram ao denso negrume da mata: ouvia-se estalos de galhos sob os cascos e a respiração próxima de cavalos e gente. Cavalgavam por muito tempo, e Tvardowsky cogitava como guardar seus poucos ducados. Seguia na cauda do grupo dos bandoleiros, atrás dele ainda se balançava a

égua do servo, precisava aproveitar esse momento. Fazia deslizar, um após o outro, os seus ducados nas botas, e quando o último deles desapareceu, suspirou aliviado e exclamou com falsete a Yassynsky:

— Quanto tempo ainda cavalgaremos?

Yassynsky voltou para ele o rosto queimado de sol e rousou:

— Quanto mais te sacudires, senhor, tanto mais comerás!

De longe sentiu-se fumaça e o cheiro costumeiro de assado. O servo aspirou-o a plenos pulmões e suspirou saudoso.

— Ei, rapaz! — dirigiu-se severamente a ele Tvardowsky. — Aqui não deves embebedar-te!

— Acaso não sei? — de mau grado resmungou o servo. — Porém, onde?

— Onde, onde! — Tvardowsky cuspiu. — Deves saber, afinal...

O rosto serviçal tornou-se sofredor.

— Já está tomando conta de mim, senhor, — disse dolorosamente. — Já não sou eu mesmo! Já sou até capaz de abandoná-lo!

Tvardowsky o olhou duramente, e o servo ficou emburrado.

— Olhe lá, rapaz! — Tvardowsky coou as palavras pelos dentes...

Na clareira ardia fogo, os servos assavam uma corça. Os bandoleiros saltaram alegremente dos cavalos, só Tvardowsky e seu servo mantinham-se rijos como postes montados.

— Ah, os nossos convidados esperam pela reverência! — deu uma gargalhada Yassynsky. — Descei, ilustríssimos!

— Poderei eu ter uma conversa com o senhor, então nós iríamos embora? — perguntou secamente Tvardowsky.

— Tanto te apressas, senhor? — olhou-o de soslaio Yassynsky.

— Muito! — retrucou Tvardowsky. — Tenho que chegar em um dia até Zviaghel.

— O que há em Zviaghel?

— Uma feira.

— Pois bem?

— E na feira estará Ghosky.

— Ha-ha! — alegremente cacarejou Yassynsky e estalou com o chicote na bota. — Boa notícia, senhor Tvardowsky, — reluziu ele com dentes de um branco ofuscante. — E como é do conhecimento do senhor, não é de meu costume não agradecer pelas boas notícias. Desça!

O servo já tinha descido do cavalo e achegou-se à fogueira. Os bandoleiros cortaram pedaços do assado da corça. Tvardowsky suspirou e humildemente desceu do cavalo. Na sua barriga tocava uma marcha em voz alta.

À noitinha eles pararam diante do portão do senhor Dolynsky.

— Ah! — exclamou Dolynsky. — Eu estou aguardando justamente a sua pessoa, senhor Tvardowsky! Nesta casa ninguém sabe jogar xadrez comigo!

Tvardowsky era mestre notório no jogo de xadrez, igual ao príncipe.

— Estou contente de saudar Vossa Senhoria na minha casa! — gritava Dolynsky, e Tvardowsky bondosamente ignorou a ironia. Jogou as rédeas ao servo com gesto grandioso.

— Pode-se morrer de tédio! — tagarelava ruidosamente o príncipe. — Aqueles polacos, que Vossa Bondade tinha recomendado, são inteiramente patetas. Eu os expulsei, sim senhor, pois apenas sabem devorar, beber e arrastar asas para as mulheres alheias.

— É um costume moderno, — gentilmente comentou Tvardowsky. — Na morada de cada senhor que se preza há agora montões de polacos.

— Dispensó tais costumes! — exclamou Dolynsky. — Agora, de fato, tudo está diferente. Mal chegas a sentar-te à mesa, já o servo se mete lá também. Isso é decadência de costumes, senhor Tvardowsky! Mal sais da casa, e aquele gato sobre coturnos achega-se à tua mulher.

— Mas o senhor Dolynsky é viúvo há muito tempo! — Tvardowsky sentia prazer: o príncipe estava de bom humor quando criticava costumes novos.

— Estou dando apenas um exemplo, senhor... Mas onde estava Vossa Senhoria metida tanto tempo? Tive um negócio para Vossa Mercê...

Tvardowsky sabia chegar a tempo: os serviçais cobriam as mesas. Desta vez Dolynsky não teve hóspedes; Tvardowsky notou isso com satisfação.

— Mandei vir também um alemãozinho, — continuou o príncipe, sentado à mesa e olhando Tvardowsky com costumeiros desprezo e zombaria.

Porém Tvardowsky, quando era necessário, não possuía senso de humor e seu rosto permanecia sério.

— O alemãozinho revelou-se sabido demais para mim. Quer dizer: falava sobre coisas tão douradas que eu quase nada disso entendia. — Dolynsky deu uma gargalhada. — O que ouve no mundo, senhor Tvardowsky?

Os serviçais cobriam mesas com carnes e polentas. Tvardowsky não se apressava em responder. Pegou um pedaço de carne de boi e mordeu um bom bocado. Atrás de suas costas estava seu servo engolindo saliva. Tvardowsky encheu com serenidade uma tigela de carnes e passou para o servo. Este meteu-se num canto, de onde se ouviu em seguida ruidoso mastigar.

— Há muito tempo não tenho viajado, — disse o príncipe. — Sempre estas preocupações, o diabo que as leve, sempre estes cuidados! Seria bom, no entanto, esquentar o sangue! Lembra-se, senhor Tvardowsky, do que aconteceu na propriedade dos Ghannytsky? — Dolynsky gargalhou. — De quem deram cabo?

— De alguns servos, Vossa Mercê, — respondeu Tvardowsky. — E como vai Melanka?

A pergunta era fora de propósito: Dolynsky tornou-se escarlate. Debruçou-se acima da mesa para Tvardowsky e disse maldosamente:

— Não era Melanka e sim uma arranca-raiz. Era necessário que junto com ela tivessem queimado também o senhor!

— Vossa Senhoria desejava uma mulher de sangue quente! — inabalável retrucou Tvardowsky, sugando uma cocha de capão. — E eu a consegui para o senhor...

O príncipe olhou Tvardowsky, e um sorriso cortou seus lábios.

— E vós, senhor Tvardowsky, não tendes acaso um pacto com o diabo? Contam que sois um grande feiticeiro...

— Não sou feiticeiro e sim um bom cristão, — retrucou seria-

mente Tvardowsky. — Naturalmente, quando se trata de miolos...

— Porém montais este pangaré lamentável. Tendes rédeas podres, e sobre os vossos tesouros os ventos contam na estrada. Será que sois também tão sábio quanto aquele alemãozinho boboca que não entendia, ele próprio, o que estava a dizer?

Tvardowsky sentara-se à mesa como um deus. Bebia cerveja e tranqüilamente piscava com os olhos lacrimejantes.

— Vossa Mercê também é um senhor fora do comum, — disse indiferente. — No entanto, acaso viaja numa carruagem atrelada por oito cavalos?

Dolynsky pegou seu lado, onde devia pender o sabre. Seu rosto encheu-se de sangue.

— Tendes vontade, senhor, — disse frisando, — de cair de pernas para cima atrás da porta?

— Não! — calmamente respondeu Tvardowsky, servindo-se da tigela com um pedaço da carne de alce. — Pretendo jogar xadrez com Vossa Excelência. Além de tudo, Vossa Mercê está interessado por novidades. Há algumas importantes, por causa delas vim para cá, pois respeito Vossa Mercê não pelas riquezas e sim pelo bom caráter e pela alma generosa.

O príncipe sorriu. Este enrolador lhe agradava. Parecia ter mesmo miolos. Às vezes vinha de supetão: o senhor Dolynsky sabia que apesar de Tvardowsky levar consigo um servo, não possuía um ducado perto da alma.

— E eu já pretendia duelar com o senhor, — disse o príncipe zombeteiro.

— Em Zviaghel, — respondeu Tvardowsky alegre, — um polaco me agrediu. Eu lhe abri a barriga.

— Ha-ha-ha! — gargalhou Dolynsky. — Então o senhor é um herói! E o que achou naquela barriga?

Tvardowsky, porém, quando necessário, não tinha senso de humor.

— Bati-lhe a espada das mãos, — disse sem vacilar, — e lhe tirei as tripas para fora. Mas não quero falar disso. Eu trago uma notícia à Vossa Mercê, — inclinou-se sobre a mesa e arfou, bafejando no príncipe o hálito de carne em digestão e de vinho. — Vosso ferrenho inimigo vai a Lutsk na semana próxima visitar a parentela...

Dolynsky pulou exaltado.

— Aquele porco Khodatchkiwsky? Esta é uma notícia maravilhosa, senhor Tvardowsky!

— Dois dias não desci do cavalo, para trazê-la o mais breve possível à Vossa Excelência.

— Oh, não esquecerei do senhor! — adiantou-se Dolynsky. — Meu sangue já se tornou sedentário, há muito tempo penso como esquentá-lo!

— Estou contente de fazer à Vossa Alteza um favor, — Tvardowsky inclinou a cabeça.

— Que tal se entrasse na minha sociedade? — perguntou zombeteiro o príncipe. — Um espadachim tão famoso, que abre barrigas com tanta maestria...

Os lábios de Dolynsky se entreabriram, mostrando dentes quebrados, os olhos ficaram estreitos.

O senhor Tvardowsky permanecia inabalável. Dolynsky gargalhava. Segurava a barriga e apontava com o dedo em riste ao comensal.

— Rasgarei minhas tripas por causa do senhor, Tvardowsky! — exclamou com voz de falsete. — É mesmo um famoso guerreiro e cavalheiro!

Tvardowsky olhava Dolynsky de soslaio.

— Em vão está me ofendendo, Vossa Mercê, — disse secamente. — Infelizmente, aguardam-me coisas urgentes, se não fosse assim... certamente eu não recusaria provar à Vossa Alteza a força da minha espada.

O príncipe cessou de gargalhar.

— Espero que não contra minha pessoa, senhor? — rousnou.

— Como poderia eu pensar em tal coisa? — retrucou Tvardowsky secamente do mesmo modo. — Eu provaria a força da minha espada nos inimigos de Vossa Mercê...

Dolynsky veio para junto de Tvardowsky e bateu-lhe nas costas.

— É um bom espadachim, — disse pacificamente. — Eu até o aceitaria como copeiro.

— Seria honra minha, — disse Tvardowsky ao inclinar-se. — Mas por enquanto prefiro ficar nas minhas propriedades.

O senhor Dolynsky arregalou os olhos espantado.

Quando Tvardowsky estava endinheirado, começava a sentir sede. Oh, esta sede seria um dia seu fim! Em vão abandonou ele o telhado de colmo da sua casa, deixou a mulher sem amparo, pois Deus não lhe dera filhos, — e foi vagabundear.

Agora, quando deixou a propriedade de Dolynsky, nas suas botas havia duas vezes tantos ducados, com os quais poderia comprar até dois cavalos, mas não queria nem pensar nisso: a sede o maltratava. Zviaghel estava perto, e lá havia sempre lugar para um sedento. A velha Hanna, que governava na taberna, tratava muito bem todo aquele cuja bolsa tilintava. Ela conhecia o mundo, aos sussurros se contava que não recuava diante da bruxaria, e quando todos cantavam, também ela acrescentava sua voz grave, produzindo tal euforia, que tinha-se vontade de beber duas vezes tanto. O senhor Tvardowsky daria dinheiro também ao servo, aquele iria a uma taberna inferior para entregar-se à mesma paixão, que consumia o servo tanto quanto o senhor. Os dois haveriam de dormir bastante embaixo das mesas, até que o vento assoviasse nos bolsos e até quando Tvardowsky de novo coçasse a cabeça, pensando no dia de amanhã. Porém não temia o dia vindouro, — sabia que era necessário cá e lá, e que iria ser pago. Apesar de beber, não perdia a razão e tinha um hábito útil de escutar o que se falava ao redor. Pois nas tabernas começam todos os negócios; além de tudo, apesar de conhecer o caráter incerto de Tvardowsky, os senhores não lhe davam atenção. Nas tabernas, o vapor embriagador entope miolos, e cada um parece estar cercado de um muro de pedra. Ninguém nunca teve a menor suspeita que Tvardowsky, roncando embaixo da mesa, tivesse um olho aberto e a orelha em pé. Por causa disso, muitos mortais não foram bem sucedidos em seus planos e afazeres, por causa disso o aventureiro e bandoleiro Yassynsky tão freqüentemente espoliava os viajantes pelas estradas. Muitos dos senhores tiveram também negócios urgentes com Tvardowsky, sem confiá-los nem às pessoas mais próximas, pois quem imaginaria que este trabalhasse para todos, ao mesmo tempo? Seu servo, taciturno como peixe, também sabia se comportar, pois o senhor Tvardowsky além de tudo não era avarento. O servo tinha bom olho e ouvido, seu conhecimento estendia-se a outro círculo: esfregava-se no meio dos cossacos e burgueses. O se-

nhor Tvardowsky tinha, às vezes, boas razões de sorrir altivo, cavalgando no seu cavalo gasto: talvez não representasse um papel tão sem importância na vida! Os governadores e prefeitos nem tinham suspeita de tal rivalidade, mas isso os importava tão pouco quando a Tvardowsky.

Cavalgavam pela estrada campestre, sobre eles ardia um sol límpido, a poeira os cobria da cabeça aos pés, porém o gorjeio da cotovia era hoje para Tvardowsky especialmente agradável. Sorriu e cantarolou.

Olhou o mundo pelas brechas estreitas dos olhos, às vezes tinha vontade de rir — ha-ha, dava ele umas risadinhas, farei bom reclame a estes benfeitores! Disso não se pode juntar um montão de dinheiro, mas cada um dará uma gorjeta. Em troca, que alegria quando começarem — ha-ha! a morder um ao outro, quais cachorros! Cavalgava dando risadas e balançando-se no cavalo, — sentia tanta tranqüilidade, pois também o sol acima de sua cabeça se balançava, viçoso, agradável, calmo; lá no alto floriavam nuvens lustrosas e límpidas, e no meio delas derramava-se a seda azul. Jogou a cabeça nas costas e engoliu saliva: sua garganta ardia.

O empregado trotava atrás, eles dois quase nunca batiam papo, pois seu relacionamento não era, simplesmente, o de senhor e servo! Tvardowsky não confiava muito à retaguarda, porém tinha necessidade de sentir aquela cauda e o respirar vivo de um ser fiel. O servo, também, precisava ver na sua frente as costas largas e ter um guia para que seu cavalo pudesse segui-lo. Nesse momento o servo sentia contentamento porque seu senhor cavalgava tão alegremente dando risadas; disso seu grande rosto de cavalo desanuviou-se e os largos lábios rachados, como os de Tvardowsky, curvaram-se imperceptivelmente.

No primeiro dia, Tvardowsky bebia. Estava, como todos, separado dos outros por um muro de pedra e entornava aguardente e hidromel, vociferava e brigava, uma vez chegou a puxar o espadim para um viajante, mas foram separados. Os senhores não tiveram nada contra assistir a esse confronto; haveria, certamente, risos por todos os arredores, mas cada um tinha motivos para proteger o senhor Tvardowsky. Por isso

o senhor Ghozky, o melhor espadachim no meio da nobreza de Volínia, ocupou-se do intruso. Este perdeu quase de vez sua arma e fugiu assustado, esquecendo sua fama e sua honra de nobre. O senhor Ghozky, também, tomou bastante aguardente: ele foi para a feira e resolveu satisfatoriamente seus negócios. Então permitiu-se uma brincadeira que guardara para o final: abriu o fundilho das calças do intruso quando este fugia, e os senhores acompanharam o fugitivo com tal gargalhada, que Tvardowsky quase vomitou. Com lágrimas nos olhos ele beijou Ghozky, e por muito tempo depois eles bebiam e contavam suas aventuras, até que adormeceram, abraçados embaixo da mesa. Acima deles corriam gordas e satisfeitas ratazanas, mas eles amigavelmente roncaram a noite inteira, sem se mexer.

Pela manhã, o mundo tornou-se embaçado e vacilante para ambos: em torno expandia-se o cheiro de cerveja azeda e vômito, a Hanna sonolenta já brigava com a empregada, que energicamente esfregava o chão, — certamente também elas dormiram demais. Tvardowsky e Ghozky beberam cerveja, e enquanto na taberna não havia ninguém, Tvardowsky resolveu colher o fruto maduro.

— Dizem que a Corte de Justiça não aprovou sua causa, — disse ele, banhando na cerveja seus ralos bigodes cor de trigo.

— Filho de uma cadela! — resmungou Ghozky. — É um cachorro, lhe digo! Conseguiu, não se sabe como, uma certidão de doação. O fato é que minha irmã, casada com um parente dele, recebeu a propriedade, mas isso agora não vale mais nem uma averiguação. Escondeu a minha irmã, e ela renunciou diante da Corte de Justiça em Lutsk... Filho de uma cadela!..

— Bem, bem, bem! — cortesmente concordou Tvardowsky; sua cabeça já trabalhava nítida — e ordenadamente. — Meus mais sinceros pêsames!..

— O que me valem pêsames! — berrou o senhor Ghozky. — Perdi um bom pedaço de bens!

— Eu preveni o senhor, — em voz baixa, porém dura, disse Tvardowsky. — O senhor ignorou meus avisos, apesar de que eu tivesse dito exatamente quando Chymkovytch pretendia ir caçar. Eu avisei que não se trataria de uma caça comum, mas a Vossa Senhoria teve pena de me conceder alguns ducados.

— Khrustynsky me embrulhou, — resmungou Ghozky. — Veio com seus gaviões, e fomos a uma magnífica caça. Quem poderia imaginar que aquela serpente fosse cúmplice dele?

Foi Tvardowsky quem convenceu a “serpente” de fugir. Ghozky jamais saberia disso, pois ele não agia sozinho. Olhou Ghozky com pena e suspirou em voz alta.

— Agora, senhor, só há uma saída, — disse com voz fina.

Ficou pensativo, para interessar Ghozky, então estalou com a língua. Bebeu cerveja, olhando à sua frente com olhos pequenos de botões. Ghozky o espreitava na expectativa.

— Sim, — disse Tvardowsky. — Chymkovytch é o grande mal do nosso país. Se o senhor não deliberar como dar cabo dele, então ele pensará como dar cabo do senhor. Enfim, para mim não será difícil descobrir onde sua irmã foi escondida. Oh, eu ainda não sei de nada, mas meu dever é advertir, e eu o faço voluntariamente...

— Desta vez o senhor não se arrependerá, — gruniu Ghozky.

— Nem penso nisso! — Tvardowsky estalou de novo com a língua. — Sua honra, senhor, é gravemente ferida, e isso não vale a pena facilitar. — Aproximou de Ghozky alegres olhos redondos e seu bigode cor-de-trigo se moveu. — Sou seu servo fiel e não tagarelarei em vão. No entanto, tudo dependerá de suas prontidão e versatilidade. Aliás, isso não lhe falta...

Ghozky escutava. Diante dele se arredondavam ou estreitavam, entusiasmados, os olhinhos de Tvardowsky, e ele pensava que não tinha sido em vão tê-lo protegido contra o intruso. Evidentemente, era necessário untar suas mãos, com pouca coisa, para que não se acostumassem mal, mas era preciso. O senhor Ghozky tornou-se muito pensativo, e Tvardowsky saboreava a cerveja gostosa.

No dia seguinte, Tvardowsky, como sempre, só bebia cerveja. À noite, é verdade, de novo foi envolvido por redes verdes, mas isso não o prejudicava. Ele era igual a uma grande concha acústica, ou uma estranha tartaruga que tinha se colado ao banco, passando por si palavras como alimento. Vivia como flor da estepe, tremendo de delícia; seu cérebro, nesse instante, tornava-se uma rede, na qual caía peixe grande e pequeno. Chegaria ainda o tempo de feira, apesar do mercado ferver de compradores. Então às suas mãos haveriam

de gotejar moedas de ouro e prata e, virando as costas, ele poderia esguichar de riso: pois às vezes os compradores de peixes transformavam-se naqueles peixes. Então ele continuava sentado, envolto pela rede verde, sonhando docemente. Por causa de tamanha alegria podia esquecer a própria mãe, — e o mundo, então, se transformava: havia dentro dele um vácuo, um sino seco e o nada.

Zviaghel enlouquecia. Ainda pela manhã a praça estava semeada da nobreza embriagada. Os servos impediam as entradas da mesma, até alguns senhores arregaçavam as mangas. Puxavam troncos de árvores, tábuas, mesas de tabernas. Os burgueses fechavam firmemente os portões, pois os servos retiravam até as portas, sem cerimônia invadiam as casas e carregavam tudo o que podia servir de barragem. Quebravam cercas, e os cachorros em volta faziam tamanho barulho, que parecia ter chegado o fim do mundo. Fecharam todas as cinco entradas com fortes barricadas; os senhores e seus serviçais vociferavam febrilmente, incitando os burgueses, aos quais conseguiram capturar na rua ou tirar à força das casas. Aliás, também eles ficaram tomados pelo espírito festivo, comungando generosamente da botija. Tvardowsky vagava pela praça vacilando. Ghozky governava tudo, também os bois pertenciam a ele.

Só deixaram passagem de um lado para permitir a entrada dos bois; aqui a multidão se juntou e, pressentindo grande divertimento, os queixos duplos de muitos já tremiam.

Da adega rolaram alguns barris de aguardente, e quando foram preparadas as fortificações, o povo vinha em filas e sedento esvaziava o copo. Tvardowsky já repetira várias vezes, mal se mantinha sobre as pernas, mas tinha ainda forças para emitir vivas em honra a Ghozky.

— Viva o senhor Ghozky! — berrava, e dezenas de gargantas repetiam esta exclamação. Aliás, a embriaguez apoderou-se nesse ínterim de todas as cabeças. Os senhores, junto com os servos e os burgueses, andavam pelo mercado. Preparavam arcabuzes e flechas.

Soou a corneta, de longe se ouviu a pisada dos cascos:

impeliam os bois. Os animais olhavam em torno com olhos sangrentos; junto à entrada deixada livre, o servo de Tvardowsky estava de pé esquentando sobre o braseiro uma barra de ferro.

Dois empregados de Ghozky conduziam um boi no cabresto que, cabisbaixo, sacudia sua cabeça frondosa. Na passagem, os empregados pularam para os lados, e o servo de Tvardowsky colocou a barra nas costas do boi. A carne sibillou, uma nuvem subiu, o boi urrou e furioso avançou pela passagem, galopou para o mercado, e um enxame de setas caiu, qual granizo, sobre ele.

O touro endiabrou-se. Jogou-se contra a cerca mais próxima, bateu com os chifres, e os estilhaços voaram ao redor. Alguns tiros explodiram, e do touro começou a correr sangue preto em riachos. O boi parou por um instante, voltou com espanto a cabeça, voltou-se então e se lançou em outra direção. Flechas zuniram ao seu encontro, e a nobreza e a burguesia ébrias berraram. Um ousado subiu no cercado e sacudiu um pano vermelho. O touro entrou na cerca, o atrevido vacilou e deu um grito agudo, então o touro o atirou para o alto, sacudindo poderosamente a cabeça. Ainda alguns tiros caíram: o animal vacilou sobre as quatro patas e caiu pesado sobre a terra.

— Ofereço-o para o banquete! — berrou Ghozky, agitando o arcabuz.

— Viva o senhor Ghozky! — entusiasmado esbravejou o senhor Tvardowsky.

No cercado já um outro touro se debatia. Urrava loucamente, o sangue escorria inundando-lhe os olhos. Pisou no cadáver do burguês e começou a espetá-lo com os chifres. Um enxame de setas afundou-se no corpo do animal, e alguns tiros dispararam ao mesmo tempo. O touro arrancou-se até o meio da praça, vacilou e principiou loucamente a cavar a terra com os chifres. Seus flancos brilhavam de vermelho, e de sua boca saía um bramido pesado.

Um grito dilacerante atravessou o ar: era o terceiro boi que se soltara das mãos dos arrieiros. Ele os jogou para os lados, pegou um com os chifres e com um mugido agudo investiu contra os caçadores que estavam junto da cerca. Estes correram aos gritos pelo mercado, e o touro, entrando na passa-

gem, investiu contra eles. Alguns cavaleiros conseguiram pular no cercado, mas um caiu, sendo pisoteado pelos cascos poderosos.

Trovejaram tiros e zuniram flechas. Os caçadores ensurdecendo gritavam de todos os lados. Tvardowsky se engasgava e berrava mais alto. O touro caiu de lado e bateu com os cascos.

No mercado, onde ainda se espalhava o cheiro de sangue, ardiam altas fogueiras, três corpos de bois estavam pendurados acima do fogo, e as cercas eram retiradas para alimentar a fogueira. Ghozky dirigiu-se à taberna e mandou rolar para fora ainda alguns barris de bebida.

Sobre a cidade caía o crepúsculo, de todos os lados vinham os burgueses contemplar o espetáculo. Os servos cobriam as mesas, tiradas de barricadas, com toalhas para os senhores: todos se assentaram ao ar livre e, enquanto não saía o jantar, faziam rodar o vinho.

— Nunca vivenciei um semelhante espetáculo! — gritava Tvardowsky bêbado. — Falarão de nós, senhores, acreditai em minhas palavras! Que saibam os descendentes, como seus pais sabiam se divertir!

— Eu quero embriagar a cidade toda! — urrava Ghozky. — Hei, vocês trouxeram músicos?

— Os músicos logo virão, Vossa Mercê! — exclamou o servo.

Ghozky levantou-se com estrondo da mesa e, balançando-se, foi ao longo da multidão que contornava o mercado. As fogueiras explodiam com feixes de centelhas, reflexos rubros dançavam sobre os rostos. Ghozky sacudiu o cálice vazio.

— Hei, gente! — vociferou. — Mandei rolar para fora cinco barris de aguardente para vocês!

Um brado único escapou de centenas de gargantas.

— E estes bois são para merenda!

— Vivia o senhor Ghozky! — berrou Tvardowsky. Seu servo, no meio da multidão, retomou o grito, e o povo repetiu o louvor.

Ghozky chegou perto da fogueira. O fogo deu a seu rosto

a cor de beterraba. Ele tirou de trás do cinto uma faca e cortou um pedaço de carne. Fechou os olhos, mastigando. Em cima dele voavam enxames de centelhas, ao lado a gordura escorria crepitando, e o olho esbugalhado e turvo do animal olhava rijo seu assassino.

— Pode-se comer! — gritou Ghozky, e a turba excitada investiu contra a carne.

Arrancaram-na com as mãos, cortaram-na com facas, e a partiam com sabres; dos barris arrancaram as tampas, e os servos derramavam com conchas a bebida em copos de madeira...

O senhor Tvardowsky estava sentado à mesa de olhos fechados. Balançava-se em nuvens cinzentas; parecia que elas tinham descido e o prendido com patas peludas, deitaram-no sobre o leito cinzento e o embalavam. Tvardowsky se via pendurado no céu, pendendo sobre a terra, nadando para qualquer lugar. Olhava através das pálpebras semicerradas e via como pela estrada cavalgava um bando de cavaleiros. Este bando cercou um povoado, e ele sabia bem, qual povoado era aquele e quem chefiava os agressores. Os sinos da igreja tocaram o alerta, mas os intrusos já estavam no castelo. O sorriso de senhor Dolynsky ardia venenosamente, a filha de Khodatchkiwsky gritou apavorada, um dos servos atirou, porém caiu com o crânio rachado. Senhor Dolynsky pegou a filha de Khodatchkiwsky pela trança e puxou-a para trás do celeiro. Os bandidos lançaram-se para espoliar a casa senhoril, os cavaleiros invadiam a aldeia, sacudindo chicotes e ferindo camponeses. O povo corria para todos os lados, caíam vítimas, e sobre elas assoviavam cobras cinzentas de azorragues...

Tvardowsky voava em nuvens grisalhas, um sorriso sarcástico cortava seus lábios. Perto tocavam músicos, e ele estremeceu. No mercado já estavam dançando. Os burgueses e as burguesas embriagados se abraçavam e pulavam. Saltava também o senhor Ghozky tendo pego pela cintura uma mulher volumosa; do mesmo modo davam pulos o servo de Tvardowsky e o resto da nobreza e da burguesia. Nesse momento pareciam esquecer a diferença de classes, bafejavam

uns para os outros com bafo de comida em digestão e de aguardente, ardendo qual fogo. Os servos jogavam gravetos na fogueira, e todo aquele ajuntamento pintado de cor vermelha pulava e gritava ainda mais loucamente. Os homens apertavam as mulheres, colando-as peito a peito, pernas às pernas. As mulheres davam gritos chocantes e entusiasmados, e seus companheiros esbravejavam com vozes selvagens e grossas. Os músicos atiçavam ainda mais: um preto esfarrapado vociferava para a multidão uma canção inspirada, junto aos barrís ainda se bebia; esvaziavam os copos e novamente se atiravam no rodopio sem parar...

Tvardowsky parecia descer à terra. As nuvens cinzentas o balançavam, e ele chegou ao barril mais próximo. Pegou na concha e colocou-a junto aos lábios. Sorveu fogo com gosto de sangue e esguichou, feito gato. Então de novo foi elevado e navegou novamente, sorrindo com satisfação. Viu um outro bando de cavaleiros que em seu vôo bateu contra a propriedade do senhor Dolynsky. Seus servos fugiam pelo campo, mas os cavaleiros os alcançavam e os arrastavam consigo. Quebravam janelas e portas, puxavam tudo para fora e colocavam sobre as carroças...

Tvardowsky virou a cabeça: a propriedade do senhor Khodatchkiwsky ardia. O bando retirava-se para a noite, Dolynsky olhava de vez em quando para trás mostrando os dentes, e atrás dele corria, presa ao cavalo, a filha de Khodatchkiwsky. Seu rosto estava sangrando, o cabelo desgrenhado, os olhos cheios de pavor...

O senhor Khodatchkiwsky, junto à outra propriedade, luzia com um sorriso satisfeito. — Vamos, rapazes! — gritou. — Despi este covil! — Os servos de Khodatchkiwsky subiam ao telhado, tiravam as ripas, cortavam as vigas...

Tvardowsky balançava-se em nuvens cinzentas. Uma figura peluda veio voando para perto dele, e ele viu um rostinho feminino. Este deu umas risadinhas e piscou para Tvardowsky. Ele abriu um sorriso e mostrou seus dentes gastos. Pegou a mulher e principiou rapidamente a mexer com as pernas. Estrebuchava com elas, pois estava flutuando entre o céu e a terra; a mulher dava risadas e se apertava contra o senhor Tvardowsky, e ele gritava entusiasmado, ou antes relinchava: profundamente na escuridão, nas densas

trevas, permaneceu suspenso e tristemente consolidou-se o rincho de um cavalo...

Os fogos ardiam, centelhas banhavam a multidão, homens e mulheres pisoteavam a terra, e Tvardowsky subitamente empurrou de si aquilo que julgava ser uma mulher. Um relâmpago se acendeu diante de seus olhos: um rosto preto, chifru-do, o olhou e gargalhou. Mãos pretas o atiraram para cima como a uma bola, e Tvardowsky nadava novamente em nuvens cinzentas, pendurado sobre a terra, sem forças para tocar o solo ou levantar-se às nuvens verdadeiras...

Na profundidade da noite brilhava ainda fogo: o bandoleiro Yassynsky espoliava a quinta de Ghozky. A mulher deste soluçava nua na terra, seu cabelo dourado oscilando nas costas cintilava.

Um pavor fino, igual a uma serpente, meteu-se debaixo das axilas do senhor Tvardowsky. Olhou em torno de si: sonhava, ou tinha alucinações? Não, ele voava acima da terra, balançando-se levemente, como uma bola inflada, ao lado dele rodopiavam, faziam caretas, mostravam os dentes alguns rostos, e ele percebeu que tudo era seu próprio rosto, apenas multiplicado.

Então, de novo, aquele preto veio para junto dele. Colou-se a seus lábios com uma sugada fria, e Tvardowsky tornou-se inteiramente leve com esse beijo. Pegou seu cabelo e começou a puxá-lo, para voltar a si, mas viu apenas uma noite profunda e alguns fogos crepitantes dentro dela.

Fogueiras de Zviaghel e uma multidão excitada de vinho e comida que pulava; a fogueira da sede de Khodatchkiwsky, para a qual olhou pela última vez sua jovem filha, correndo atrás do cavalo de Dolynsky; a fogueira da propriedade de Dolynsky e a da quinta de Ghozky, onde uma mulher violentada levantou suas mãos brancas ao céu e as sacudiu em prece ou em maldição. O senhor Tvardowsky voltou-se com a barriga para cima e foi navegando adiante entre o céu e a terra, já sabendo, com certeza, que seus pés inflados como bolas nunca mais pisariam a terra firme.



WM

O SAPATEIRO

A casa estava fria e a alma estava fria. Ele pensou: “Terminaram os pregos e acabaram as cavilhas de bétula”. E ainda refletiu: lá fora caía uma chuva miudinha, mansa e fria. Por isso sua alma estava assim. Olhou as suas nove almas sentadas no banco, entre elas Mariyka de cinco anos, que ele mais amava, e no canto da parede cochilava São Nicolau.

O sapateiro os observava através das pálpebras semicerradas, em pensamento ele media o caminho até a floresta, pois não podia deixar de ir até lá. Havia de cortar uma bétula, mesmo que às escondidas; parecia-lhe melhor que fosse numa chuva assim: teria suas cavilhas e haveria de esquentar um pouco a casa, para que essas nove almas não sentissem frio e São Nicolau não cochilasse tão vigilante. O sapateiro vestiu um casaquinho que apertava seus ombros magros, dificultando-o de respirar: “Será que está tão quente em casa?” — pensou ele, esquecendo que os filhos no banco batiam dentes. Saiu e meteu o machado atrás do cinto.

Uma chuvinha cinza soprava sobre ele, enchia-lhe os olhos, embrulhava-o no casaco grisalho do dia como um peso supérfluo por cima de seu casaquinho. Em frente apareceu a floresta, mais adiante a estrada úmida e cheia de poças. “O guarda florestal dorme certamente”, pensou o sapateiro, pois também ele quis dormir a manhã toda. Bem que não teria saído de casa se não tivesse necessidade e não houvesse choro, pois as nove almas-passarinhos piavam de bico aberto, embora tivessem já enchido aqueles bicos com qualquer espécie de alimento, gritavam como corvos num dia de inverno, sentindo o frio e a desolação. Então, ele não podia ficar deitado, de jeito nenhum! São Nicolau lhe disse: “Corte a bétula!” “Já pensei nisso”, lembrou-se o sapateiro. “Irei mesmo cortá-la”.

Porém, por que tinha uma alma tão vacilante e frágil? Os pensamentos se aclaravam com tanta dificuldade. Refletiu: não valia a pena meditar; a mata estava aí, era mister tirar o machado. Os ramos brancos vinham diretos do céu, pareciam sacudir a chuva. As sombras brancas — lembranças saudosas de um sonho distante — tornaram-se, no entanto, uma mancha branca gelada, como esses ramos.

Tirou o machado para fora e deu um golpe. Sobre ele deramaram-se gotas que nem granizo; parecia o céu e a própria bétula a chorar acima dele. Ele não dava atenção: golpeava, cortava, embora sentindo um olhar alheio. “Que olhe, de qualquer modo já comecei”, pensou o sapateiro, banhando-se nessas lágrimas de bétula ou no próprio suor.

Em torno tudo estava vazio. Percebeu isso quando a bétula caiu. A chuvinha sussurrava, sacudia o céu gelatinoso e congelado, acima calmamente crocitavam corvos. Levantou a bétula e jogou o tronco nas costas. Os ramos zumbiam acima dele, como se uma cobra sibilasse, mas ele não se virou.

Então saiu da mata o espírito maligno, mas o sapateiro não tinha certeza se era ele ou um guarda florestal, porém o diabo sentou-se em sua bétula e o sapateiro suava, puxando-a pelo campo. A chuvinha se derramava, os dois pareciam ignorá-la: o sapateiro penava, e o guarda florestal viajava na bétula.

— Afinal, tu a derrubaste, — disse este. — Agora, como faremos a conta?

— A bétula está seca, — retrucou o sapateiro. — Não cometi crime.

— Em vão a derrubaste, — disse o guarda. O sapateiro ficou fora de si.

— Ei, senhor! — exclamou zangado. — Tenho um peso a carregar, e o senhor ainda se meteu em cima para ser puxado? — O guarda riu.

— Queres que te prenda?

O sapateiro arrastava a árvore, e o suor escorria de sua testa e sob as axilas; mal compreendia o que dizia o guarda florestal, — aquele senhor, acomodado na bétula.

— Onde me prenderá? — voltou-se para o guarda.

— No calabouço, — tranqüilamente respondeu aquele. — Acaso não sabes por quê? Ha-ha!

— E minhas nove almas? — não conseguia permanecer calmo o sapateiro. — Vai alimentá-las por mim?

— O que tenho com isso? — bocejou o guarda. — Meu negócio é prender-te, e tu preocupa-te com tuas almas.

— O que o senhor quer de mim? — depois de um silêncio indagou o sapateiro. — O quê?

— Ha-ha-ha! — o guarda riu muito alto. — Tu és perspicaz. Quero que me assines um papel.

O sapateiro parou. A chuvinha gotejava em cima dele, e fosse dela ou de suor, ele se sentiu inteiramente molhado. Até seus pés estavam ensopados.

— Por mim mesmo? — perguntou, virando-se para o guarda.

O guarda puxava seu cachimbo. — Por que por ti só? Também por aquelas nove almas, ha-ha! que são minha sobremesa!

O sapateiro pegou novamente a árvore nas costas, o guarda até ajudou, mas depois novamente pulou na bétula.

— Hê, senhor, desça, não tenho força para arrastá-lo! — exclamou o sapateiro, arrastando, no entanto, a árvore.

O sapateiro calou por muito tempo, por muito tempo puxou a bétula, a cidadezinha já aparecia, já se viam pessoas, a bétula tornou-se pesada como pedra. Então o sapateiro parou. O suor lhe escorria atrás das orelhas e sobre os olhos, mas fitou o guarda: uma face cinzenta, gorda, olhos cinzas esbugalhados, uma veste inflada, e em vez de botas... Estremeceu e levantou o olhar, na incerteza de quem seria. É mesmo o espírito do mal, pensou tristemente, mas calmo.

O guarda mexeu com os cascos, estava impaciente.

— Está muito fogoso! — resmungou o sapateiro, olhando o mais de perto. — Mas que seja como quer!

— Dar-te-ei ainda dinheiro, — disse o guarda. — Tirarás o pé da lama o ano inteiro.

O sapateiro olhou o guarda florestal, e em seus olhos acendeu-se uma pérfida e leve centelha.

— Promete dinheiro?

— Darei!

— Então, negócio feito!

O guarda desnudou grandes dentes brancos, e o sapateiro piscou para ele. O guarda piscou para o sapateiro e estendeu

uma folha de papel. Este era branco como os dentes do guarda. O sapateiro suspirou, mexeu com o pescoço, como se livrasse da gola colante e pegou com os dedos sem jeito o papel nas mãos.

O guarda florestal tomou o papel, dobrou-o em quatro partes e meteu no bolso. Não tinha mais cascos, apenas botas comuns. Despediu-se, também, de maneira simples.

— Em um ano virei à tua casa. Que não te negues.

O sapateiro riu. O guarda também mostrou dentes e piscaram um para o outro. No bolso do sapateiro estava o dinheiro, e a bétula era agora sua.

— Até a vista! — disse alegremente, e o guarda florestal cessou de interessá-lo. “O raio que o parta!” — pensou o sapateiro. “Tenho ainda que arrastar esta bétula até a casa”.

De súbito se lembrou de São Nicolau — ele estava com um rosto triste e pensativo. “Na casa alegre”, opinou, “também estarás com disposição melhor! Pois que alegria pode haver numa casa vazia e fria?”

Depois parou a chuva, aliviando o coração do sapateiro. Também o suor não corria tanto; aquele malandro era mais pesado do que a própria bétula.

Eis que apareceu a cidadezinha, junto da casa — sua mulher, e ao lado dela todos os oito filhos como ervilhas junto ao caminho: pequenos, menores e ainda menores, — igualzinho feito ervilhas! Virou-se. O guarda sumiu, só a bétula se arrastava como uma vassoura de ramos secos.

A mulher veio para lhe ajudar, atrás dela se derramaram todos os filhos, quais ervilhas, e entre eles Maryka, uma criança tão bonita: o rostinho branco, tépido, macio, cabelos escuros, sedosos, e olhos como duas pequenas fontes. Ela exclamou algo — ou talvez todos exclamaram? Vejam, que ajuda!

— Que reforço! — disse ele à mulher. — Tenho uma alegria espiritual. — A mulher o fitou com olhos grandes, sem nada compreender.

— O que disse?

— Que tenho uma alegria espiritual.

— O que fez?

— O que fiz? Assinei um papel para o guarda florestal. Ele

me deu dinheiro ainda por cima...

A mulher o olhou, ele olhou a mulher. E os filhos atrás dela, como um leque.

— Não entendo nada, — disse a mulher, e ele fitou sua Mariyka: pura, branca e meiga.

— Não há nada a dizer, — comentou. — Tudo são conversas fiadas. Assinei o papel, e ele me deu dinheiro. Agora pertença a ele!

— Está bem, — finalmente sorriu a mulher. — Nós vamos devolver trabalhando. Iremos todos.

Ele ficou triste, no meio da rua, com a sua bétula. À sua frente — a mulher, atrás dela, como pintinhos fora do poleiro, os pequenos.

— Eh, não! — disse ele, enrugando a testa. — Não trabalharemos, nada faremos.

Disse e sentiu tristeza, ainda pequena, mas resistente.

Arrastaram a bétula todos juntos, na frente ele com a mulher, atrás seus filhos pegavam os ramos. Era uma sensação estranha, tão estranha como a árvore: ele e a mulher eram o tronco, e os filhos eram os ramos. Eram todos uma árvore que crescia de uma raiz, e esses ramos já estavam bem alto — tão brancos e puros — esticando-se ao céu, que era alto e azul. “É minha árvore”, orgulhosamente pensava o sapateiro, puxando a bétula. “É bom ter uma árvore assim. E quando o dinheiro tilinta no bolso, meu Deus! Que alegria possuir uma árvore tamanha com o dinheiro tinindo!”

Quando entraram na casa, viram que São Nicolau continuava triste e pensativo, e o sapateiro ficou um pouco confuso. Fez o sinal da cruz, e depois a mulher e os filhos. Mas São Nicolau estava triste e nem lhe deu atenção. Então o sapateiro inclinou-se para Mariyka, tão pura e meiga, sussurrando-lhe para que tivesse uma conversa com o santo. Eles de novo se benzeram e saíram.

O sapateiro pegou o machado, principiando a cortar os galhos. Os filhos corriam com varas pelo pátio, betendo uns nos outros pelas pernas e rindo alegremente, enquanto sua tristeza aumentava. Sabia por que. Esperava pela Mariyka. Ela deveria sair e dizer algo. Então continuou a bater com o machado, e sua tristeza se tornava grande e branca como inverno ou um rio congelado. Tinha pena até da árvore, embora esta

fosse seca: seus galhos não estariam mais esticados ao céu, e o vento não os beijaria. Porém não se deteve nesse pensamento — talvez fosse só meio pensamento — mas correu atrás da porta, onde ficara Mariyka, pois nunca antes vira São Nicolau triste daquele jeito.

Finalmente a porta rangeu, na soleira Mariyka pálida, de olhos tão puros, que os olhos dele se encheram de lágrimas. Notou que a mulher também deixou os seus afazeres, e todas as crianças se aquietaram. Chegaram à varanda, ele veio também. Ela mal moveu os lábios:

— São Nicolau disse que, quando o pai fizer botas e aquele vier, que não se levante do banquinho. Até São Nicolau permitir...

Sua Mariyka já tem seis anos, e ele está sentado, costurando botas. A noite é longa e escura, pois hoje sua alma está comprimida pela poeira cinzenta, e esta poeira espalhou-se sujando-o todo. As botas foram costuradas vagarosamente, os pensamentos rondavam longe, às vezes contemplava a janela negra e morta. Teve medo de alguma coisa, como se tivesse penetrado em seu coração um longo e fino verme, bebendo-o, sorvendo-o. “Hê, não, decerto estou doente”, pensou o sapateiro. Mas não estava doente, sabia bem que mentia para si mesmo, pois aquela janela negra, aquela noite comprida, estes filhos que tão estranhamente calados estavam sentados no banco, esse triste São Nicolau...

— Hê, por que ficaram todos amuados? — Porém ninguém lhe dava resposta, como se ninguém estivesse em casa.

— É porque eu cheguei, — ouviu uma voz conhecida.

— Ah! — compreendeu o sapateiro. — Veio mesmo.

— Apronta-te, — disse aquele. — Chegou a hora.

O sapateiro continuava sentado no seu banquinho de tiras trançadas e calava. Apenas afiava a faca para cortar o couro.

— Então o quê?

— Nada, — retrucou finalmente o sapateiro. — Devo terminar estas botas. Delas tiro meu sustento, e olhe quantas tenho aqui. Preciso também para a viagem.

— Ha-ha! — riu o diabo. — Não precisas para a viagem. Eu te trarei uma carruagem até a porta, ha-ha!

O sapateiro, no entanto, não olhou, nem queria saber se viera no traje de guarda florestal, ou em seu próprio.

Depois São Nicolau, que até então estivera calado, falou do seu recanto:

— Quando você se levantar, que o assente em seu lugar enfeitado.

O sapateiro voltou-se para São Nicolau; este o olhava com compaixão. Então viu Mariyka que vinha para transmitir-lhe as palavras do santo: a menina sorria tristemente com sorriso pálido. No meio do cômodo estava o guarda florestal, no banco sentada a mulher, e junto dela, como pintinhos, os filhos. O sapateiro inclinou-se para as botas que fazia, gastando muito tempo com elas. Preparava, limpava, costurava, — atrás das suas costas estava Mariyka; ela já dissera aquilo, que ele próprio tinha ouvido, e não queria se afastar. O banco estava ocupado, o banquinho de sapateiro — abaixo dele, então o guarda florestal, de pé, passava o peso do corpo de uma perna à outra.

— Hê, vejo que está cansado, — comentou o sapateiro, olhando de soslaio o hóspede não convidado.

— Cansei, — admitiu o guarda, — achas que é pouca coisa correr atrás de ti? Acaso ganho facilmente o meu pão?

— E para que deve ganhá-lo? — perguntou o sapateiro, porém o guarda bufou zangado.

O sapateiro martelava as cavilhas na sola e olhava o guarda de soslaio.

— Quando eu terminar, vá se sentar no meu banquinho. Daí a pouco.

Ele martelava e martelava, este batuque ressoava em sua cabeça e ecoava das janelas mortas. “Como é difícil sair nessa negra loucura, nessa noite negra”, pensou. “Mas que seja!” Prendia e lixava a sola, e a lixa passava por seu coração, pois ignorava o fim de tudo aquilo.

— Vou me aprontar, — disse o sapateiro ao se levantar e sacudir do avental os restos de couro cortado. — Pode descansar!

Viu como o espírito maligno se fez cair no seu banquinho e

cansado bufou. Então o sapateiro vestiu uma camisa branca e calças novas.

— Levante-se, — disse. — Vamos embora! Reparou no exausto rosto do guarda, nesse momento paracendo emagrecido; o diabo continuava sentado, respirando com dificuldade.

— Levante-se! Digo-lhe que estou pronto!

— Eu gostaria de levantar-me, — mal pegando ar respondeu o tihoso, — mas estou preso. São suas artes?

— Não são artes de espécie alguma, — resmungou o sapateiro. — Levante, senão, eu não irei.

— O que tens contra mim? — exclamou o guarda, esbugalhando os olhos.

— O que eu poderia ter contra o senhor? — pacificamente respondeu o sapateiro. — Acaso o convidei? Acaso o procurei?

— É meu trabalho, — retrucou o maldito. — Tu costuras botas, e eu faço este serviço. — O suor lhe subiu à testa. — É difícil ficar sentado e não ter forças para me levantar!

— Eu não lhe pedi esse dinheiro, — disse o sapateiro. — Foi o senhor mesmo quem mo deu.

O guarda já pegava o ar espasmodicamente. Abriu a boca, parecendo um peixe na margem do rio. O sapateiro estava de pé no meio do cômodo, trajando a camisa branca e as calças novas, e seu rosto tornou-se sério.

— Que horas são? — perguntou o guarda aflito.

— Em breve cantarão os galos, — respondeu a mulher do sapateiro, sentada no banco.

— Deixa-me ir embora! — gritou o guarda. — Não posso mais ficar sentado aqui!

— Eu não impliquei com o senhor, disse o sapateiro. — Foi o senhor quem começou.

— Mas é a minha hora! — gritou o guarda. — Não posso mais ficar sentado aqui.

— Eu mandei vir o padre, — retrucou inabalável o sapateiro. — Quando ele vier, irá conversar direito com o senhor!

Era noite. De súbito todos notaram a noite. Na mesa estava ardendo uma vela, junto a São Nicolau uma lamparina, o guarda também segurava na mão uma vela que apareceu não se sabe de onde, donde surgiram longas sombras achatadas na casa que se moviam nos recantos. Das janelas resvalava

o negrume, no banco estavam sentados a mulher e os filhos de olhos rasgados de espanto, ou talvez fosse o medo que se apoderou deles? Junto ao sapateiro, trajado de camisa branca (como ela brilhava!), estava Mariyka, segurando a mão áspera do pai e espiando por detrás dela. No banquinho penava o espírito maligno, seu rosto escureceu e nos lábios apareceu espuma. Olhava-os com olhar turvo, e seus lábios se moviam — pediam algo. Eles, no entanto, permaneciam mudos e frios, pois a casa estava muda e fria, apenas as sombras se moviam como vivas.

— Vá, filho, — mandou o sapateiro a seu segundo. — Toca um pouco o sino. O filho deu um salto para o vestíbulo, apesar de ter medo e hesitar diante da soleira, mas depois tocou a sineta da entrada.

— Deixa-me partir! — gemeu o guarda.

— O senhor está ouvindo? — O sapateiro ouviu o filho tocar novamente. — O sino toca!

— Quero ter uma conversa contigo, — disse o guarda.

— Pois bem, — respondeu o sapateiro indiferente, entristecido na penumbra.

— Tens um lugar enfeitado?

— Tenho, — admitiu o sapateiro. — São meus cuidados por esses meus filhos.

— Vamos nos separar em paz.

— Vamos!

— Devolve-me aquele dinheiro, e não quero mais saber de ti. — O sapateiro calava.

— Devolve a grana!

— De onde, diabo, a tirarei? — gritou de repente o sapateiro. — Não vês quantos filhos tenho?

O guarda respirava com extrema dificuldade. Pegou na mão uma sovela enfiada na armação e quebrou-a. Então ouviu-se novamente a sineta do vestíbulo, e todos ficaram imóveis, escutando.

— Pague por minha sovela, — disse o sapateiro. — Sou homem pobre.

— Sou eu, acaso, rico?

— É rico, sim.

— Não posso pagar-te por nada.

— Então, fique sentado!

— Pois bem, — finalmente o guarda entregou os pontos. — Assina ainda este papel. Te darei dinheiro para o ano todo.

— Basta um, — respondeu o sapateiro. — Acaso o senhor perdeu o primeiro?

— Não perdi! — Disse o guarda, tirando a prata do bolso. — Não se pode perder semelhante coisa.

E de repente as sombras se agitaram, o galo cantou alto e alegremente, as velas piscaram, se avivaram e iluminaram a casa de luz morta, a vidraça quebrou-se, o vidro tiniu, no vestibulo a sineta repicou muito alto, o vento varreu a casa amarrotando o cabelo e a roupa do sapateiro, a lamparina piscou junto a São Nicolau, as velas se apagaram, apenas os pavios em brasa brilhavam na escuridão. Um rabo negro passou, como se um pássaro esvoaçasse, a sineta tocava e tocava no vestíbulo, a mulher e os filhos no banco choravam, Mariyka cobriu a face com as mãos, São Nicolau olhava sombrio sem piscar, e não se sabia, se ele julgava ou se consolava. O sapateiro estava erguido na escuridão, seu olhar era duro e desolado, seus lábios tremiam.

— Todos vocês viram, — disse ele, — e São Nicolau é testemunha. Pensei em vocês! Não tenho a força de vê-los com fome e com frio.

Parecia outono.

— Tenha cuidado, pai, disse Mariyka.

— E o que faço? — respondeu o sapateiro. — Não tenho tempo. Costuro botas.

De fato, fazia botas. Estava sentado curvo o dia todo e costurava. Fosse que o outono assim agia, ou talvez tivesse pego resfriado, — doía-lhe a cabeça. — Provavelmente, ele virá! — disse para a mulher que o fitou com dedicação e súplica no olhar. Nesse momento, o tinoso espiou pela janela e abriu seus dois lados, apoiando-se com os braços no peitoril. Olhou calado. O sapateiro curvou-se mais sobre as botas.

— Então, apronta-te, sapateiro! — disse, bocejando. — Esperei o bastante. O sapateiro sentiu sua fraqueza para com o diabo.

— Não irei me aprontar, — disse. — Não vou! Estou velho, não posso mais.

— E o dinheiro podias tomar? — zangou-se aquele outro. Mariyka estava junto ao pai, tremendo como uma folha verde.

— Não tremas, minha andorinha! Vá antes buscar o padre.

— Não quero deixá-lo só, — disse Mariyka. — Tenho medo, não sei por que.

— Deixa que eu tenha medo por mim! — falou o sapateiro afogueado. — Vá para onde mando!

— Para onde a mandas? — perguntou o atrás da janela.

— Comprar tabaco para a viagem.

— Eu te darei.

— Não quero o infernal, quero o humano.

— Como mandas!

— Então, entre em casa.

— Ha-ha! — riu o além da janela. — Já estive aí. Aí existe um lugar enfeitado.

— Pois então aguarde sob a janela, — disse o sapateiro.

— Eu vou me aprontar. E aguardarei meu tabaco.

— Eu espero, — resmungou o diabo, acendendo o cachimbo.

A mulher estava sentada, a chorar, no banco, os filhos se apertavam contra ela.

— E se nós trabalharmos para devolver aquele dinheiro?

— Calem-se! — gritou o sapateiro para eles. — Não sou a cabeça da família?

— É, mas, talvez, seria melhor devolver a dívida?

— Minha cabeça incha por causa de vocês! — disse o sapateiro, vestindo a camisa branca.

— Não vista a camisa branca! — advertiu o na janela.

— Por quê?

— Ela está enfeitada.

— Nós temos um costume assim, — disse o sapateiro. — Para a morte veste-se uma camisa branca.

— Que se danem vocês e seus costumes tolos! — resmungou aquele na janela. — Veste o que bem entendes!

— Será que Mariyka não vem ainda? — perguntou o sapateiro à mulher.

Na frente corria Mariyka, atrás dela o padre. O vento soprava, amarrotava a roupa, jogava o aspersionário para trás, tão

rapidamente vinham vindo. Então o sapateiro sorriu: ele via como a folhagem amarela junto com o vento acompanhava Mariyka e o padre, e eles voavam como se trazidos em asas. Então o sapateiro levantou seus olhos a São Nicolau.

— Perdoa-me! — disse.

São Nicolau não respondeu, olhando sem piscar.

— Não sei, — continuou o sapateiro, — onde o presságio da morte me pega, mas fico de pé! Quero estar prevenido.

O guarda florestal já estava fugindo. Viu o ataque contra ele, e um vento ainda maior levantou-se. Ele sacudiu o punho, seus olhos acenderam-se com ira, os lábios cuspiram uma maldição.

— Ainda me verás! — fugiu da janela e, no caminho, derubou uma velha, podre pereira.

Chegou o padre arfando, Mariyka saltou para junto do pai, pegando sua mão. O sapateiro estava triste e pensativo. Seus olhos brilhavam com um fogo tranqüilo, embora doentio. Os lábios estavam ásperos e duramente fechados.

— Chamas para ti o castigo de Deus? — irado perguntou o padre. — Cuidado, sapateiro!

— Chegará o tempo, — secamente respondeu este, — e eu estarei frente a Deus. Mas agora tenho a preocupação: são eles, — e acenou com a cabeça em direção ao banco, onde se achegavam à mãe, como pintinhos, os filhos apavorados.

Mariyka já completou sete anos, porém aparentemente não estava contente por isso. O sapateiro também andava pensativo: parecia que os dois esperavam algo. E não apenas eles: também a mulher do sapateiro olhava para fora angustiada, e os outros filhos se encolheram. O sapateiro fitou São Nicolau, mas este não respondeu a seu olhar, como se não fosse com ele. Parecia afastá-lo de si: sozinho cozinhaste, come sozinho! — “Se é assim, está bem”, pensou o sapateiro, e com isso pareceu evocá-lo: na janela novamente apareceu o rosto que todos aguardavam. Agora o guarda florestal parecia mais alegre, talvez, mais seguro de si. E o tempo lá fora estava paradisíaco — tudo cheirando a desabrochar. O sapateiro, no

entanto, não dava atenção ao tempo: precisava vencer aquela tristeza que se apoderou dele.

— Não quero ir! — disse a São Nicolau, que calava; só Mariyka o ouvia.

— Iremos juntos, — disse. — Se ele faz tanto caso, temos que ir.

— Será que só tu? — sacudiu a cabeça o sapateiro. — Eu assinei por todos.

A mulher e os filhos já estavam sentados no banco, o sapateiro no seu banquinho, porém não costurava botas, hoje não tinha ânimo. O tinoso meteu-se na janela, olhando com perfídia.

— Vejo você, e parece um ser humano, mas não possui bondade, — disse o sapateiro.

— Ha-ha! — riu o diabo. — Não olhas direito. Se eu não tivesse bondade, não faria cerimônia com vocês. Chegou o limite, apronta-te e vamos!

— E talvez, — respondeu o sapateiro pensativo, — pretendes fazer cerimônia conosco?

Porém o guarda não o escutava. Tirou do colete um relógio, também tão estranho que eles ficaram boquiabertos, e abriu a tampa.

— Vocês estão muito lentos, — disse, — e eu não tenho tempo. Marchem!

Desta vez o sapateiro não vestiu camisa branca: seu coração batia pesaroso.

— Vamos, pai, — disse Mariyka, e o sapateiro pela última vez olhou São Nicolau, que estava sentado, como sempre, no seu canto, e suspirou.

— Não se pode contornar nem enganar o destino, — disse.

— Então! — riu o diabo na janela. Saíram para o vestibulo: o sapateiro à frente, e atrás dele as suas nove almas. O sol lhes caiu na face, e por um instante pararam na soleira. O dia floria com um verão maravilhoso, sobre eles se abria um céu límpido e luminoso: o sol parecia exceder-se, derramando ouro amarelo, o suave e sedoso anil tremulava, tudo cintilava e respirava.

— Iremos pelo pomar, — disse o sapateiro que estava ansioso de, pela última vez, inspirar seus perfumes. Ele amava

seu pomar — essas macieiras, pereiras e ameixeiras. Especialmente as últimas. Olhou comovido: acima dele estendia-se uma árvore copada, larga, cheia de sol. Havia nela ameixas como sementes de papoula, e não pôde alegrar-se o bastante com elas.

— Boas são as ameixas neste ano, — disse o guarda florestal, olhando também a ameixeira. O sapateiro sentiu a vontade de comer ameixas. Tanta vontade que a garganta doía.

Pegou no tronco e sacudiu. A árvore permanecia sem se mexer, e as ameixas tranqüilamente azulavam ao sol.

— Não tenho mais força, — disse o sapateiro. — Está vendo? E você me leva.

— Por isso te levo, — retrucou o guarda, esvaziando seu cachimbo.

— Mas eu não irei antes de provar as ameixas! — teimava o sapateiro. Pois para que devo ir?

O guarda sorriu, ainda segurando o cachimbo na boca.

— És guloso, mesmo! Mas eu não sou avarento!

Chegou perto da ameixeira e a sacudiu com tal força, que o céu mudou, e na terra caiu outono. Espalhou-se o cheiro de frutas caídas, a folhagem rodopiou, e já não havia na árvore nem folha, nem ameixa. “Já a terra rescende para mim”, tirando do montão de folhas uma ameixa succulenta, pensou o sapateiro. Jogou-a na boca e sentiu ainda mais o outono.

— Vês, que vida boa terás! — disse o guarda. — Tu governarás entre nós, e eu tenho força e trabalharei. E tu deves só passear e costurar botas para os mortos.

No entanto, o guarda apegou-se demais àquela ameixeira. O sapateiro estranhou:

— Por que está abraçado com esta ameixeira? Não tem mais folha nenhuma.

— Não me larga! — disse o tihoso. — Eu me descolo e descolo, mas algo me prende!

— Isso me disse São Nicolau, — sussurrou Mariyka.

No entanto, o sapateiro estava cansado. Além de tudo, esse outono no meio de verão amoleceu inteiramente seu coração.

— Não tenho mais forças, — disse, sentando-se embaixo de uma macieira. A mulher e os filhos estavam de pé imóveis, como petrificados.

— Vão para casa, — mandou o sapateiro. — Parece que não irão com ele.

— Como não! — arrancava-se da ameixeira o guarda. — Fina história esta! Eu me dedico há dois anos a eles, e eles não irão!

O sapateiro deitou-se na grama, colocando as mãos embaixo da cabeça. Através de aberturas entre os ramos o céu se baixava até ele, acima nadava uma pequena nuvem que parecia-se muito com a cabeça de um cervo. Um cervo branco, luminoso, que vagarosamente ia pelo céu. “Para seu abrigo,” pensou o sapateiro. “Cada animal e cada ser humano procura para si um abrigo, — todos eles devem esconder-se do mundo”.

A mulher e os filhos estavam de pé junto dele, também Mariyka, e ele ficou aborrecido vendo-os.

— Vão embora daqui, ou não?

Eles o olharam com estranheza, congelados ou petrificados.

— Larga-me, sapateiro, — implorava o guarda junto à ameixeira. — Não tenho mais forças!

— E tiveste forças para maltratar os miseráveis?

— Fui bom para vocês.

— Para nos conduzir ao inferno, ha-ha! — riu o sapateiro.

— Tu próprio assinaste o contrato.

— Devolve o papel! — disse zangado o sapateiro. — Lá vem o padre!

Eles se olhavam, um para outro: o guarda junto da ameixeira, o sapateiro abaixo da macieira.

— És pior do que eu, — disse o tihoso. — Eu te trato bem, e tu não!

— Não fui eu quem veio para ti, foste tu quem veio para mim, — respondeu calmo o sapateiro.

— Não se pode convencer-te, — disse o diabo. — Tira o papel do bolso, pois minhas mãos estão coladas.

Mariyka se aproximou dele, e o sapateiro quase chorou, tão meiga e carinhosa era ela. “Esta criança”, pensou, “salvame. E também São Nicolau, graças a Deus, não em vão vive comigo sob o mesmo teto. E todos eles”, olhou a mulher e os filhos que ainda permaneciam imóveis a seu lado. Sozinho ele, talvez, não teria tanta força: ele sozinho mal respirava,

nenhuma ameixa era capaz de derrubar. Será que depois de tudo isso teria força para continuar vivendo? Lá estavam o céu, o verão, tudo crescia e floria, e ele sentia o cheiro do outono: sim, o outono lhe rescendia, provavelmente este guarda florestal, ou diabo, ou qualquer que seja seu nome — não é bom pronunciá-lo — não debalde veio a ele; teve tanta dificuldade de se mover, até mexer com o dedo; já estava velho, mas estes filhos... não, ainda não estava velho, ainda diria neste caso a palavra final, porém sem ódio. Não era mau, sua alma, como o céu anilado, era ilimitada, pairava entre o azul e a terra. Tudo cheirava a outono, como a própria mãe-terra. Cheirava a outono do mundo inteiro!

A tarde se aproximava, ou eram nuvens que se juntavam no céu? Era evidente, lá no horizonte já relampejava e trovejava. O guarda, também, olhava o horizonte. Em seu rosto havia desespero, como no rosto humano.

— Vês, — disse o sapateiro, — está chegando um temporal.

— Larga-me, homem! — com uma voz baixa e suave falou o guarda. — O trovão é minha morte.

Mariyka estava junto do pai, nas mãos o papel que tinha tirado do bolso do guarda.

— Queima-o, pai.

— Queima tu, — disse ele. — Não tenho força nem para mexer com o dedo.

E lá no meio das macieiras estava São Nicolau. Estava olhando. Mariyka correu para casa e jogou o papel na lareira. São Nicolau sorriu.

— Não sei o que fazer com ele, — disse-lhe o sapateiro. — E lá vem a tempestade!

Veio o vento cortante e frio, varreu as folhas caídas das ameixeiras, secas e amarelas elas rolaram, umas competindo com as outras. E no meio estava São Nicolau. Estava olhando, já nem sorria mais. Mariyka chegou-se:

— Deixa-o, pai, pois o trovão vai cair sobre a ameixeira, vai queimar a árvore e a ele. Para que devemos ter um lugar feio junto à casa?

— Eu gostaria que ele carregasse uma pedra, — disse o sapateiro. — Que ela pesasse bem sobre ele, para que soubesse o que significa trabalho!

Então São Nicolau se mexeu, aproximou-se e deixou-se cair na grama. O guarda o olhou com pavor.

— Traga a sovela, — disse São Nicolau. — Espeta-o bastante, para não incomodar os homens.

O sapateiro levantou-se. Não era fácil para ele. Sua cabeça girava: na bainha do céu rasgou-se um raio: vinha a noite e o temporal.

— Para que um lugar feio junto à casa? — opinou Mariyka, e o sapateiro a olhou com ternura.

— Voltarei logo, — disse e correu o mais rápido possível, pois perdia o fôlego. Jogava as pernas como se pesassem toneladas, mas corria. O temporal vinha, já estava perto.

Quando voltou, apegou-se a um tronco e arfou. O peito martelou, sua mulher e os filhos ainda permaneciam imóveis. Mariyka, por uma razão qualquer, enxugava uma lágrima, e São Nicolau tranqüilamente torcia um talo de capim.

Então o sapateiro, novamente, entristeceu-se. Não foi raiva, nem dor. Ele se levantou nessa tristeza como outono, ou como um cervo branco que vai pelo céu. Na sua mão estava a sovela, e o guarda virou a cabeça. Olhou sem piscar — era um olhar estranho, estranhos eram seus olhos: neles havia súplica, dor, humildade; seus lábios se moveram; o sapateiro, no entanto, não ouvia o que ele dizia. Não quis ouvi-lo, pois justamente passava aquele cervo branco; a tristeza resvalava dele, tirando-lhe os restos de força.

— Eu devo, — disse ele diretamente aos olhos suplicantes, — pois bem que tu sabes que hás de permanecer o que eras antes.

— Certamente, — concordou o guarda. — Lembra-te porém que fui bom contigo.

— Eu me lembro! — disse o sapateiro com desespero. — Lembro daquela tua bondade!

Tomou impulso e espetou a sovela no guarda: uma, duas, três vezes. Não tinha força para mais, afastou-se alguns passos e caiu de joelhos. Então derramou-se do guarda algo preto — era graxa ou breu. Logo encheu-se uma poça fedorenta, e o guarda de pé, voltado para o sapateiro olhava-o. Longe, bem nitidamente, faiscava: vinham vindo pelo céu rebanhos negros, rebanhos zangados com línguas de fogo dourado.

— É para que nunca impliques com os homens, — balbuciou o sapateiro.

— Deixa-o, pai! — disse Mariyka.

São Nicolau levantou-se e foi embora. Tinha as costas retas, os cabelos grisalhos esvoaçaram sobre as costas, os pés pisavam seguros e firmes.

— Eu gostaria que tu carregasses uma pedra, — disse o sapateiro, mas o guarda não respondia mais. Estava apoiado contra o tronco da ameixeira e chorava. Suas lágrimas escorriam pela árvore, e ela brilhava.

— Solta-o, pai, gritou Mariyka, pois nesse momento, bem próximo, acendeu-se um relâmpago.

O guarda volveu para o sapateiro o rosto lacrimoso.

— O que queres ainda de mim?

— Que soltes todas as almas que tu roubaste.

— Não posso, — disse o guarda. — Não tenho comprovantes.

— Solta-as pela memória, — disse o sapateiro, e nesse instante algumas gotas caíram surdamente na terra...

Começaram a chegar pessoas ao pomar. Mulheres, homens e crianças. Rapazes e moças. Militares e civis. Ricos e pobres. Eles vinham vindo, parecia que o cortejo não tinha fim. O sapateiro ficou admirado: estava no seu pomar só olhando. Sua mulher e seus filhos também estavam aí perplexos. Pois no meio deles quase todos eram conhecidos: pessoas da sua rua, da sua cidadezinha. Finalmente veio o padre.

— Mas o senhor, — gritou o sapateiro, — como é que parou aqui?

— Como os outros, — baixou a cabeça o padre.

— O senhor possui a água benta...

— Como todos, — o padre inclinou a cabeça ainda mais baixo.

Então o sapateiro chegou junto da ameixeira e descolou o guarda. Levantou-se um barulho, deu-se um estrondo, o raio caiu, porém já no lugar vazio, a ameixeira pegou fogo, e o guarda correu pela rua deserta. Correu sem olhar para trás, pois era seguido pelas serpentes iradas dos relâmpagos que cortavam o espaço; a noite, de repente, fustigou com aguaceiro. As pessoas estavam no seu pomar com faces levantadas — a chuva as banhava, mas, talvez, elas chorassem.

O sapateiro chorava também. Nunca no mundo tinha chorado tão amargamente, o trovão lhe trouxe o outono novamente, e aqui, junto à ameixeira e toda aquela gente, junto à mulher e aos filhos, sentiu subitamente a mesma tristeza que o torturava antes.

“Quem sabe”, pensou, espremendo-se entre o povo para sair do pomar, “talvez aquele guarda florestal não tivesse culpa?”

Viu como ele fugia rapidamente, ainda seguido pelos relâmpagos.

la pelo pomar resmungando. Afinal, ele próprio tinha vontade de segui-lo por aquela rua deserta, mas alguém o tomou pela mão. Ele voltou-se: era Mariyka.

— Quem sabe, — sussurrou ele, — talvez ele não tenha culpa, e culpados somos todos nós, e eu também?

As forças o abandonaram finalmente e deixou-se cair na grama, naquela folhagem da ameixeira, na terra que emanava o outono e o chamava.

— Eu vou, — disse, enxugando as lágrimas. — Chegou a hora.

Junto dele estava Mariyka e chorava. Ele não a viu mais, pois olhava para cima, onde se juntavam nuvens negras, esforçando-se por pegar no meio delas um cervo branco como nata, que vinha buscar sua alma.

ÍNDICE	Pág.
O COTIDIANO FANTÁSTICO DE VALERY CHEWTCHÚK	7
O JOVEM	11
O CAMINHO	19
NUVENS CINZENTAS	35
O SAPATEIRO	57

Printed in Brazil

